Paratodos...
ANNO V
— Preço 1$000 —
NUM. 234

Questionario

MARFISA — 1° — Não vem coisa alguma, repetimos, é tudo *blague*. 2° — Casada com Joe May, geralmente seu director. Sim, Eva May, posto que alguem diga que é sua irmã. 3° — Não; elle achou que a Paramount lhe pagava pouco, e não gostou tambem do seu ultimo film, *Young Rajah*, mas não pode figurar em films de outra fabrica até 1924, parece-nos.

BROKEN HEART (Guaratinguetá) — Paramount, 485, Fifth Ave. Universal, 1600, Broadway. Metro, 1540, Broadway. Para as actrizes, Lasky studios, Hollywood, California.

ROSE (Rio) — Oh! sim, em Dezembro... Que bom, hein?

ALMA RUBENS ADMIRER (Rio) — Fay e Ethel, Universal City, Los Angeles, Cal. Louise, actualmente nada faz e a outra Goldwyn Pictures, Culver City, Los Angeles, Cal. Quanto ao que muito gentilmente offerece, pode enviar, e disponha sempre de nós.

PAVÃO AMERICANO OU ZECA NETTO (Pelotas) — Em *Querendo agarrar a lua*, Douglas Fairbanks, Eileen Percy, Richard Cummings, etc. Com Douglas Mac Lean, Madge Bellamy foi a *leading-woman*; interpretou o papel de "Mary Spivins". Margaret Livingston, porém, tambem tomou parte: fez o papel de "Louise Kingston". Em *A linda condessinha* foi William Boyd sim, e elle não é ruivo.

QUINTINO (Camarú) — Lasky studios, Vine street, Hollywood, California, e vae fazer em Setembro proximo trinta annos. Bebé nasceu em 1901.

J. HENRIQUE (Patrocinio) — O principio, relativo á censura, não julgamos conveniente. Quanto á parte da cinematographia nacional, posto que haja muita coisa que o amigo não saiba, está bem. Aliás, porque vamos auxiliar um pouco a questão.

JOSÉ COLLA (Cachoeira de Itapemirim) — Sim, ganham, porém, pouquissimo e quando ha trabalho, isto uma vez em um anno. Depende de *chance*, camarada. Não pense nisso e não venha com este proposito unico.

CYCLONE SMITH (Recife) — 1° — Nat, ou melhor, Nathaniel Ross, foi o director. 2° — A ultima noticia que se teve conhecimento dizia que estava fazendo um *extra* sem importancia em *A volta do mundo em 18 dias*, da Universal. Passou, uma ou duas vezes, no meio de 1.000 pessoas, lá no fim da scena. 3°— *Cigarrilha*, Priscilla Dean; *Cabo Victor*, James Kirkwood; *Ben Alittamed*, John Davidson; *O coronel*, Wm. Bainbridge; *Princeza Amagne*, Ethel Gray Terry. Apparece no film. Não publicaremos esta sua carta. Apesar de ter innumeras confusões, o amigo parece que está vendo cinema agora. Está redondamente, completamente mesmo, enganado com a fabrica a que se refere. Ora, aposto que ha de pensar que a artista por quem perguntou foi sómente uma *cow-girl*, não é? Pois olha, se não fôra a conveniencia do espaço, diriamos alguns dos seus trabalhos magnificos, que talvez o fizessem cahir para traz de admiração. O ultimo film em que tomou parte foi um independente e dirigido por Lois Weber, que a acha uma actriz extraordinaria. King Baggott, então, só trabalhou em *Going street?* Um film de dez annos... E olha mais: o "Snub" Pollard, comico da Pathé, e o director Harry Pollard dos films pugilisticos de Reginald Denny são duas pessoas distinctas. Tem paciencia, portanto, amigo.

A. NUNES (Bello Horizonte) — Não, ainda não.

LORRAINE (Sorocaba) — Dorothy, 30 annos, 60 kilos e 1 metro e 60. Leatrice, em 1897 e é casada com John Gilbert. Que historia é essa de duello? Onde a ouviu? Nunca vimos coisa alguma a respeito.

◇

Gloria Swanson vae fazer a *Zázá* de Berton e Simon, que, em tempos, foi interpretada por Pauline Frederick, que, aliás, diga-se de passagem, foi um dos seus maiores trabalhos. Julian L'Estrange fazia o papel de *Dufrene*, lembram-se?

Esperemos agora esta *Zázá* de Gloria Swanson...

O grande director Allan Dwan é quem vae dirigir o film.

◇

Clara Kimball Young terminou o seu contracto com a Metro e fala-se na sua entrada para a Goldwyn. Rumoreja-se tambem que Theda Bara irá para esta fabrica tomar parte no film *Three weeks*.

PRESENTES DO "PÓ GRASEOSO MENDEL"

Rs. 2:000$000 em dinheiro — 115 premios

Os proprietarios do afamado "Pó Graseoso Mendel", querendo agradecer a preferencia que as Senhoras dispensam ao seu magnifico producto, resolveram obsequial-as com Rs. 2:000$000 distribuidos em premios, com as seguintes

BASES E CONDIÇÕES

1 primeiro premio	500$000
1 segundo premio	200$000
1 terceiro premio . . .	150$000
1 quarto premio	100$000
3 quintos premios de 50$000	150$000
80 sextos premios de uma caixa de Pó de Arroz Mendel a 4$500 cada uma	360$000
87	1:460$000

e os seguintes premios addicionaes ás pessoas que enviarem a maior quantidade de quadrinhas que sejam ou não premiadas:

1 primeiro premio	200$000
1 segundo premio	100$000
1 terceiro premio	50$000
5 quartos premios de Rs. 20$000 cada um . .	100$000
20 quintos premios de uma caixa de Pó Graseoso Mendel, de 4$500 cada uma	90$000
28	540$000

Total de premios 115 —
Total Rs. . . . . . 2:000$000

Para poder concorrer a estes premios, as condições são as seguintes: Remetter uma quadrinha fazendo referencias ao "Pó Graseoso Mendel" e que deverá ser escripta em portuguez. Cada quadrinha deve vir acompanhada com parte da tira que envolve toda a caixa, adherida a um pedaço da estampilha fiscal. Não será tomada em consideração nenhuma quadrinha que não se ajuste a estas condições, podendo cada pessoa enviar a quantidade de quadrinhas que desejar.

O primeiro premio de 500$000 será concedido ao melhor verso (quadrinha) e em ordem de merito os premios seguintes.

Não haverá divisão de premios e o jury será formado pelos illustres redactores da *Revista da Semana, Para todos, O Malho, Fon-Fon* e *Careta,* cujo julgamento será inappellavel.

As respostas deverão vir dirigidas para: Concurso do Pó de Arroz Mendel, a cargo da revista *Para todos* — Rua do Ouvidor n. 164 — e deverão vir assignadas com pseudonymo ou nome proprio e residencia.

A Casa Mendel & C. reserva-se o direito de publicar ou não as quadrinhas que se lhe remettam e semanalmente publicar-se-ão algumas. Este concurso ficará aberto desde hoje e encerrar-se-á definitivamente em 12 de Outubro de 1923.

M E N D E L & C.

Rio de Janeiro: Rua Sete de Setembro n. 107, 1º andar — São Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

A REALISAREM-SE EM JUNHO

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos Planos

Em 13 de Junho	25:000$000	por 1$600
Em 16 de Junho	100:000$000	por 7$700
Em 20 de Junho	25:000$000	por 1$600

No preço dos bilhetes já está incluido o sello. Agentes geraes na Capital Federal: Nazareth & C. — Rua do Ouvidor, 94. — Caixa do Correio n. 817 — Endereço teleg. Lusvel — Rio de Janeiro.

Os Films da Semana

P A R I S I E N S E

NÃO TE CASES POR DINHEIRO

(It isn't being done this season)

VITAGRAPH — 1920

Quando uma fabrica reapparece, a gente revê velhas ou queridas figuras cinematographicas. Assim, tivemos o immenso prazer de tornar a ver a interessante, elegante e boa artista Corinne Griffith, tendo como galã o seu marido Webster Campbell.

O film está modernamente apresentado, tem bella photographia, scenarios luxuosos e boa direcção. Corinne, como sempre, muito *chic*, mas a historia é batidissima e não tem quasi valor algum. Não gostámos, principalmente do final. Seria mais interessante si ella fosse tambem infeliz com o casamento por amor, para provar que neste mundo não ha regras de especie alguma. E, aliás, quasi que o foi... aquelle amor de puxar uma faca e matar a bem amada...

Um film para moças e a estas, estamos certos, agradará.

Cotação: 6 pontos.

O PRISIONEIRO

(The prisoner)

UNIVERSAL — 1923

Este film era para ser confeccionado na Europa. Harry Myers, que ia ser a principal figura, e o director Edward Laemmle acompanhados de ajudantes, photographos, etc., chegaram a desembarcar

no velho continente para este fim, mas viram que não tinham recursos nem auxilio artistico de gente que prestasse, e, além disso, Edward Laemmle, cahiu gravemente doente. Voltaram todos e o film acabou sendo feito mesmo na Universal City e com Herbert Rawlinson no principal papel, tendo elle, desta vez, mais opportunidade de trabalhar melhor.

E' quasi o seu genero.

Está ahi outro film maravilhosamente apresentado e enscenado, mas com um enredo fraco e conhecido. Eileen Percy, June Elvidge, Lincoln Stedman, Bertram Grassby, Boris Karloff e outros figuram no elenco.

Ha alguns typos e scenarios já aproveitados do *Merry Go Round*...

Soberba photographia e technica primorosa.

P A R I S

O MUNDO HONESTO

(Onesto mondo)

TIBER

Mais um film de Elena Sangro, porém, muito fraco.

O seu trabalho, quasi sem importancia, é sacrificado talvez por culpa do director, o que admira, porque a Tiber ainda é uma das poucas fabricas italianas que conta com os melhores technicos. Historia conhecidissima e mal dirigida. Não tem uma scena que interesse.

E' lamentavel ver uma artista como Elena Sangro, que ainda ha pouco nos agradou tanto em *Sarracena*, mettida num film como este, tão velho ainda. Os italianos possuem coisa melhor.

Cotação: 2 pontos.

QUASI UM MARIDO

(Almost a husband)

GOLDWYN — 1919

Um dos bons films de Will Rogers, que, decididamente, é um artista de valor. O seu papel neste film está bem adequado ao seu typo; ninguem poderia desempenhal-o melhor. A historia não é nada de mais, mas diverte, principalmente no começo.

Cullen Landis, Clara Horton, Herbert Standing, Edward J. Brady e Peggy Wood figuram no elenco e actuam com efficiencia.

C E N T R A L

O CAPITÃO VOADOR NOCTURNO

(Captain Fly-By-Night)

F. B. O. — 1922

Os films em que um aventureiro de qualquer especie é sempre o motivo do romance despertam interesse e agradam. Quando, porém, esse aventureiro não usa trajes caracteristicos da nossa gente ou da nossa epoca, mas apresentando-se com outros modos de trajar, de facha á cinta ou botas de cano alto, o agrado é certo e os applausos ruidosos. Foi por isso que *O Capitão Voador Nocturno* fez successo no Central. Johnnie Walker, o aventureiro, elegante e mesmo bonito, desenha-se no film encantadoramente e elle só garante todo o drama da F. B. O., antiga Robertson Cole. Tem expressões felizes e mostra novamente a sua costumada agilidade posta mais á prova, aliás, em *Fantômas*, da Fox.

O film tem muito movimento, scenas bem apanhadas e que fazem rir, mas outras tantas muito longas, um pouco cacetes... e é assim uma pequena copia modificada da *Marca do Zorro*...

Francis Mac Donald, o verdadeiro *Capitão Voador Nocturno*, é um artista que dá prazer em vel-o trabalhar. Eddie Gribbon das comedias Mack Sennett está esplendido no papel de sargento e Shannon Day é uma figurinha interessante.

NA CORTE DOS MEXERICOS

(Insinuation)

MARGERY WILSON PROD. — 1922

A extraordinaria actrizinha que é Margery Wilson, ingenua por excellencia, a saudosa interprete de *O teu peccado é o meu* e outras inesqueciveis e memoraveis producções da Triangle, apresenta-se num film escripto, dirigido e produzido por ella mesma.

Mas, coitadinha! o film é muito longo, muito cacete e muito pobremente apresentado com artistas que nunca trabalharam em cinema, e explora uma historia por demais conhecida, embora com uma leve porção de delicadeza. Coitada, nota-se que foi um film com mais preoccupação de ganhar um pouquinho de dinheiro do que apresentar uma obra de arte.

Perdoa-se no intimo, sabendo-se que o publico não sabe nem quer saber destas coisas. E' muito cacete o film, muito mesmo; ella fez o que poude, era para ser peor, porque nota-se que tem assim uns valiosos requintes de direcção, ella, que já trabalhou sob as ordens de tão extraordinarios directores!

Ainda é a mesma artista e dá bastantes provas disso no final; da scena do tribunal em deante, posto que, sendo ella a propria directora, não haja alguem competente do lado de fóra para corrigir-lhe algumas posições sómente. E depois ainda apparece Percy Helton, aquelle insupportavel e antipathico filho "John" da *Veneração extrema*. Ha algumas coisas mais a dizer, mas já falámos muito.

Cotação: 2 pontos.

A V E N I D A

O HOMEM DE FOGO

(Ebb tide)

PARAMOUNT — 1922

Um romance amoroso feito todo de vigor e de verdade. Sem pieguices, como o titulo do film bem explica. Historia conhecida, entretanto.

George Fawcett usando a sua mascara esplendida; James Kirkwood e Lila Lee, como sempre; Noah Beery, bom; Ray-

mond Hatton, um pouco careteiro, nem parecia que estavamos deante do grande interprete da *Vassallagem* e Jaqueline Logan muito bonitinha.

O mais, muita gente quasi nua e muitas garrafas de *champagne* partidas. Longo, tambem.

Cotação: 6 pontos.

QUANDO O OURO DESAPPARECE

(Scarlet Days)

PARAMOUNT — 1919

Historia muito conhecida. A eterna lucta da desillusão amorosa. Typos explorados no far-west desde muito tempo. Algum encanto na marcação das scenas.

Nota-se o cunho artistico de Griffith em varias scenas. E' um dos taes films do seu contracto com a Paramount que, para para dar conta, foi fazendo films a torto e a direito. Muito longo.

Carol Dempster e a malograda Clarisse Seymour, muito bem. Ralph Graves tambem vae bem; com Griffith elle é outro artista.

Richard Barthelmess interpretou um bom typo, mas o melhor desempenho foi o de Eugenie Besserer no papel de *Rosa Nell*. Simplesmente admiravel o seu trabalho, como sempre. Ainda ha pouco, mesmo, em *Mulheres honestas*, um dos bons films deste anno, o seu trabalho, embora pequeno, foi extraordinario.

Cotação: 6 *pontos*.

A JOVEN DIANA

(*The Young Diana*)

COSMOPOLITAN-PARAMOUNT — 1922

O enredo não é grande coisa. Ha aquella inverosimilhança do preparado que rejuvenesce as pessoas que põe de lado, porque, ás vezes, é uma hypothese para um estudo qualquer da vida. Si se pudesse, por exemplo, pôr uma pessoa mais joven vinte annos e fazel-a conquistar o coração do noivo que a abandonara naquelle tempo!... E' uma hypothese, não é?

Veriamos com interesse o resultado, comprehenderam o que queremos dizer? Bem, mas tudo acaba, emfim, no classico sonho...

Boa ensceneação e bellas scenas, que agradam a vista. Más caracterizações de velhice, com excepção de Marion Davies, que tem a seu cargo um papel que não é facil, aliás.

Pedro de Cordoba sempre muito bom e cheio de distincção e concentração. Vae muito bem. Robert Vignola e Albert Capellani, dois directores de fama, dirigiram o film.

Cotação: 6 *pontos*.

A NOIVA DO NAUFRAGO

(*On the high seas*)

PARAMOUNT — 1922

Bom enredo, porém já muito visto. A direcção é de Irvin Willat; por isso, a acção do drama passa-se a bordo de alguns navios...

Dorothy Dalton tem poucas occasiões de mostrar o seu trabalho. Jack Holt vae bem e empregou todos os seus esforços de artista para agradar, e Mitchell Lewis deu um bom typo caracteristico, e, com a graça de Deus, cortou o cabello! Achámos que o tamanho das suas orelhas é que foi a causa de não o ter feito ha mais tempo.

Excellentemente dirigido, maravilhosamente cinematographado e com uma technica extraordinaria. Ha scenas feitas com muita realidade.

Cotação: 8 *pontos*.

PATHÉ

ROSAS NEGRAS

(*Black Roses*)

ROBERTSON COLE — 1921

Film policial, em que se apresentam alguns typos curiosos do Oriente num drama ás vezes de scenas violentas, em que Sessue Hayakawa, seu principal interprete, e sua esposa Tsuru Aoki emocionam a platéa.

São dois artistas extraordinarios

Boa photographia, bem apresentado e melhor dirigido. Interessa bastante.

Cotação: 7 *pontos*.

A CIDADE QUE ESQUECEU DEUS

(*The town that forgot God*)

FOX — 1922

Mais uma historia de um pequeno orphão maltratado barbaramente pelos tutores. Toca o coração e está bem representado, com muita naturalidade e muito realismo. Comtudo, não agrada, a não ser o fundo moral e religioso da historia, e alguns trechos de boa comedia.

A tempestade está, de facto, bem feita e é a maior da tela — isto é, a mais comprida e a com a maior quantidade d'agua.

O effeito das luzes dos relampagos é que não está muito bem feito. O director é Harry Millard, o homem que dirigiu *Honrarás tua mãe* e que sempre arranja uma escola e umas visõeszinhas para pôr em scena.

Bunny Grauer, o principal interprete, é um artista de mão cheia; o seu trabalho talvez seja o que de mais valor possue o film. Jane Thomas, já nossa conhecida, no papel de sua progenitora, vae razoavelmente em algumas scenas, e muito bem em outras, principalmente na que pega ao collo o filho já crescido. Os demais encarnam bons typos, até Warren Krech, como carpinteiro, homem exquisito e humilde está perfeito.

Cotação: 8 *pontos*.

PALAIS

O PODER DA JUVENTUDE

(*Youth to Youth*)

METRO — 1922

Apresenta, pela primeira vez, como estrella, Billie Dove, que, como se sabe, é encantadora, possue uns lindos olhos, mas não é ainda muito artista e, neste film, não está muito desembaraçada.

O film é fraco tambem, e o unico interesse que tem é aquelle theatro fluctuante...

Disse o *Exhibitor's Trade Review* que o film tem duas mães em scena e que elle já viu alguns com uma só alcançarem mais successo...

Cullen Landis é o galã e o seu trabalho é, como sempre, muito apreciado. Boa coadjuvação. Apparecem mais Noah Beery, Edythe Chapman, Mabel Van Buren, Sylvia Ashton, Gertrude Short e Zasu Pitts num esplendido papel de pianista.

Cotação: 5 *pontos*.

OPERADORES Nos. 3 e 4.

CASA COLOMBO

Grandes Armazens

PARA SENHORAS E MOCINHAS:

Paletots
Manteaux
Pelles e Boás
Costumes
Vestidos
Écharpes

CASA COLOMBO

Para Bem Vestir

¡SUFRA!..

TANGO

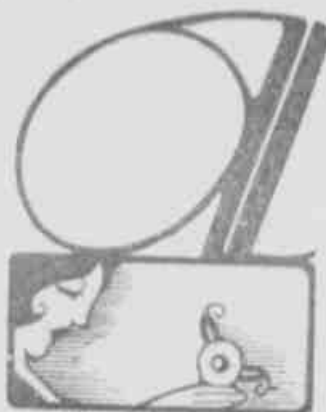
F. Canaro

GRANDE SUCCESSO DA ORCHESTRA PICKMANN

dim.
pp
f
dim.
pp
ten.
PP Bandoneon en al bajo.
ten.
ten.
ff
ff Canto
dim.
p
D.C.

Para todos...

Rio de Janeiro, 9 de Junho de 1923

O REI DOS CALUNGAS — J. CARLOS

*o lado de uma caricatura de J. Carlos, por Guevara, Humberto de Campos, escondido num pseudonymo, publicou, com o titulo acima, n'*A Maçã, *de 12 de Maio, esta bella chronica sobre o nosso querido director-artistico:*

"A familia Brito e Cunha, de tão honrosas tradições, não havia tido, jámais, na chronica das suas figuras, um membro que lhe désse desgosto. Medicos, advogados, engenheiros, militares, constituiam-lhe o passado. A feição aristocratica tomada pelos iniciadores da genealogia não havia tido, em meio seculo da historia, uma unica solução de continuidade. E foi quando o José appareceu, com um lapis na mão, a fazer de um passatempo, de uma brincadeira de creança, a sua profissão, para o resto da vida.

José Carlos de Brito e Cunha era, de facto, uma aberração na familia. Destinado á engenharia, á medicina, ao bacharelato, ou a qualquer annel symbolico, tomou tal amisade aos primeiros bonecos desenhados no collegio, que procurou, logo, immortalisal-os pela multiplicação, por intermedio da imprensa. Recebidos festivamente nos jornaes para onde os mandou, dedicou-se a elles, aperfeiçoando-os. E, em breve, era o desenhista mais interessante da capital, e aquelle cujo traço sem reminiscencias de mestres melhor reflectia a graça e os ridiculos do seu tempo.

Educado ao contacto das melhores rodas, dos circulos mais apurados e elegantes, J. Carlos tornou-se o chronista artistico da cidade. Os seus vinte annos de desenho constituem a historia viva da elegancia carioca. Podia-se, pelas suas charges, *reconstituir os figurinos, os moldes, as variedades de vestuario, no Rio de Janeiro, em dois lustros de vaidade mundana. Elle foi, e é, o espelho que exaggera as linhas, mas que conserva, no reflexo, todas as particularidades do desenho.*

Os caricaturistas, no Brasil, são como as gallinhas e os cães de raça: uns nascem dos outros, sem mestiçagem, conservando todas as virtudes do antecessor. Um ou outro junta á herança um traço pessoal, uma conquista propria, um grão do proprio talento. Kalisto e Raul definiram-se por essa virtude. E J. Carlos, mais, talvez, do que elles, por se ter inspirado, não nos mestres, em Julião ou Silvino do Amaral, mas nos costumes novos, na sociedade do tempo, nos modos e nas modas que o rejuvenescimento da cidade creara.

A arte de J. Carlos é, póde-se dizer, contemporanea da Avenida. Frontin abriu a grande arteria, *e J. Carlos appareceu, como seu espelho. E dahi até hoje, tem sido elle o registrador semanal de tudo que desfila, em elegancia e ridiculo, da calçada do Lyceu de Artes e Officios á esquina da rua do Ouvidor.*

Illustrador, durante quinze annos, da Careta, *conseguiu J. Carlos tornal-a, com o seu talento, o album elegante da cidade. Alterando, com o seu traço individual, um figurino em voga, fazia-o com tanta graça, e tanto bom-gosto, que creava, ás vezes, um modelo novo. E quantas vezes não viu elle, nas festas ou na rua, o seu desenho seguido á risca, executado pelas senhoras mais elegantes do Rio!*

Certa vez, viajava J. Carlos em um bonde da Gavea, carregando os seus embrulhos de honrado chefe de familia, quando ouviu, no banco fronteiro, duas senhoras que conversavam.

— E o figurino, já escolheste? — indagou uma. — No Chic Parisien, *deste mez, tem um lindo vestido, que talvez te sirva. E ha outro, no* Femina.

— Agora, é tarde, — atalhou a outra. — Eu já escolhi um, por signal que muito bonitinho.

— No Paris-Chic?

— Não, na Careta.

E mostrou á amiga um exemplar do semanario, em que J. Carlos havia deixado, numa charge, *o traço fino, inconfundivel, das suas figuras femininas.*

E' sua, e desse tempo, a creação do almofadinha *e da* melindrosa. *Antes do baptismo, essas figuras já existiam nos bonecos de J. Carlos. E quem não se lembra, no Rio, daquellas figurinhas tão espirituaes, e ao mesmo tempo tão maliciosas, que eram, no seu cynismo ingenuo, a larva dourada das peccadoras* garçonnes *d'agora?*

*Preso á revista de J. Schmidt, menos pela força de um contracto do que pelo amor paternal que lhe votava, teve J. Carlos, ha um anno e meio, propostas vantajosas para assumir, com a independencia precisa, as funcções de director-artistico da empreza d'*O Malho, *editora deste semanario, do* Para todos..., *d'*O Tico-Tico, *da* Illustração Brasileira *e da* Leitura para todos. *Com ordenados compensadores, sente-se, hoje, na abundancia. Mas tem uma tristeza: está longe da* Careta, *a sua filha, a sua creação, para a qual formara um publico especialissimo, e a qual chora, longe delle, a ausencia impreenchivel do pae...*

Alliada natural da litteratura, a caricatura matricula, em geral, os seus profissionaes na escola dos homens de letras. O caricaturista é, por isso, obrigatoriamente, um bohemio. As noites de pandega, os bailes de Carnaval, são-lhe indispensaveis. Caricaturista sem vida nocturna, é filho desnaturado. E' isso uma tradição, não só no Brasil, mas no mundo inteiro.

J. Carlos, ou o Jota, *como é conhecido nas rodas amigas, é, entretanto, uma excepção á regra. Chefe de familia exemplarissimo, ninguem o vê nas casas de chá ou de bebidas, ou, mesmo, em um canto da Avenida, a pilheriar com os camaradas. Por isso mesmo, pouca gente o conhece em pessoa. A sua distracção consiste nos seus bonecos. Trata-os a todos como filhos, e, quando veste uma das suas figurinhas ornamentaes, fal-o com tal gosto, com tal arte, com tal apuro, como se a calunga, ao fim de tudo, lhe tivesse de agradecer o vestido.*

*O actual director-artistico d'*O Malho *é, incontestavelmente, o principe dos nossos caricaturistas. Prejudica-o, na vida, apenas, a sua maneira discreta. J. Carlos é, realmente, tão modesto, tão simples, tão desconfiado que, na figura fronteira, já vae quasi fugindo da pagina..."*

Senhorinhas Avany Montagua, Maria N. Leal, Dr. Ivo Borges; Senhorinhas Celeste Leal, Heloisa Barbosa e Dr. José de Moraes

LEMBRANÇAS DA EXCURSÃO DO DR. AURELINO LEAL PELO ESTADO DO RIO

Familias Aurelino Leal e José de Moraes, na fazenda *Paulo Ignacio*, de propriedade do Dr. José de Moraes

A TEMPORADA DE "FOOT-BALL" EM 1923

Pedaços da *torcida* que se consumiu durante o jogo do Flamengo com o Botafogo, terminando pela victoria do muitas vezes campeão de terra e mar. A esse encontro, menos pesado, compareceram senhoras e senhorinhas...

Ba-ta-clan

Matinée *da Dorziat. — Que casa horrivel!*
A burguezia quer subir de nivel...

Pelas palmas a rodo se deprehende
Que cincoenta por cento não comprehende

Aquelle idioma que a Dorziat murmura...
— Mas tu aqui? Que é isto, creatura?

De matinée? *— De* frack *e de cartola...*
— Boa tarde! Como está D. Nicola?

— Vim, que o Rio aos domingos me envenena.
Les sentiers de la vertu *em scena.*

Como é maravilhosa quando fala
A Dorziat. Põe musicas na sala.

E que braços compridos! A' distancia
Elles têm uma clástica elegancia,

Um rythmo singular nos movimentos...
E que expressão nos olhos scismarentos!

Gôsto do seu nostalgico abandono...
— Mas que intervallo enorme! Estou com somno...

O' Virgilio Mauricio! Que hermosura!
Como passa esta languida figura?

— Vou indo assim levando a vida... Gostas
De ver-me? — Sim, mas sempre pelas costas...

Encantador este Virgilio! — Ingrato!
Não quer nunca que eu pinte o seu retrato!

— Vamos deixar de intimidades... Basta!
Acto segundo. A scena já se arrasta

Numa molleza que me desnorteia
— (Meu Deus, a Dorziat... como ella é feia!...)

O Dr. Marchesini alto resona
Todo de branco, dentro da poltrona.

— Que tal? — Mas que dialogo comprido...
— Eu quero apresental-o ao meu marido.

— Muita honra, doutor, em conhecel-o...
— Sabe? Mudei-me agora pr'a o Curvello.

Que panorama! — Está gostando? — Um pouco.
Aquelle artista tem cara de louco...

— E representa mal. — Eu vou-me embora...
Faz uma tarde de crystal lá fóra.

Vou ao Flamengo... Isto aqui dentro é um fórno.
E depois... que pessoal! Espio em torno

Que typos! Repimpado, de varanda
Lá está o Dr. Pontes de Miranda.

De frack *claro e botas amarellas...*
E as luvas? De que côr mesmo são ellas?

Ninguem sabe. O collete é côr de telha.
Traz na lapella esplendida e vermelha

Uma flor de um tamanho que horrorisa...
Joga xadrez no peito da camisa.

— E' a elegancia alagoana estylisada.
Fez furor em Santiago. Da embaixada

Foi, sem duvida, o herôe entre os primeiros.
Brigou com todos os seus companheiros

E voltou sem saber como, mas veio...
— Mã lingua! — Adeus, deixo-te aqui no meio

Desta solemne exposição de feras.

.. ..

Que tarde! Andam bailando primaveras

Como sylphides leves pelos ramos...
Foi numa tarde assim que nos amamos.

João da Avenida

O ETERNO PEDIDO

— E' uma subscripção para um enterro.
— Quem foi que morreu?
— Foram esses que assignaram.

DE VIAGEM

Partiu, quarta-feira, para o Pará, o Sr. Coronel Carlos Leite Ribeiro, chefe da Livraria Editora Leite Ribeiro, que foi o iniciador do grande movimento no mercado de livros do Rio de Janeiro e do Brasil todo. As edições Leite Ribeiro, pelo exito que obtiveram, revelando escriptores modernos, deram ao nosso paiz um logar de realce entre os paizes divulgadores de obras literarias e scientificas. A viagem do Sr. Coronel Leite Ribeiro ao Norte da Republica trará immensas vantagens aos nossos escriptores. Felicidade desejamos ao sympathico homem de negocios, no qual se confunde um homem de intelligencia clara e fina distincção.

UM ROMANCE

Depois das novas edições das Virgens Amorosas *e da* Grande Felicidade *e quando para breve se espera uma edição refundida de* Dona Dolorosa, *eis que Théo Filho, o romancista victorioso, lança no mercado, por intermedio dos editores Benjamin Costallat e Miccolis a 3ª edição de* Annita e Plomark, aventureiros, *romance de scenas cosmopolitas, todo elle vivido nas grandes capitaes européas, e nessa linda faixa de praias bizarras que forram a Côte d'Azur. Em* Annita e Plomark, aventureiros, *o leitor trava conhecimento com os* advenas *e as* gigolettes *que infestam os* cabarets *e as estações d'agua de França. Livro de sensações intensas, de paginas exoticas e cosmopolitas, com um sabor parisiense muito picaresco, a nova edição do romance de Théo Filho continuará o successo de livraria obtido pelas obras anteriores do popular escriptor de* Uma viagem movimentada.

Na Embaixada Argentina — O Sr. Embaixador e a Senhora Móra y Araujo. Em cima: grupo feito durante a recepção de 25 de Maio

Considerando que aquelle que ama procura tornar-se o dragão do seu thesouro, causa-nos espanto que esta selvagem avidez, esta injustiça do amor, tenham sido consideradas como o contrario do egoismo. — Nietzsche.

O amor que nasce subitamente é o mais difficil de curar. — La Bruyère.

No Botafogo F. C. — Instantaneo de uma das suas bellas reuniões dansantes.

VERSOS DE ADELMAR TAVARES

A GENTE NUNCA ESTÁ SÓ...

A gente nunca está só...
Ou se está com uma saudade
De um sonho desfeito em pó;
Ou se está com uma esperança
De nova felicidade...

Outro sonho que se alcança.
Sempre uma sombra com a gente,
Constantemente...
Uma sombra... Bôa, ou má...
Só, é que nunca se está.

✣

CANTIGA

Sonhei que iamos seguindo
Por uma dessas estradas,
Um caminho branco e lindo,
Como são estas estradas
Que os amantes vão seguindo
Nos lindos contos de fadas...

E a sua voz me dizia,
— Amo-te! E eu ria e chorava.
Porque em sonho presentia,
Por isso eu ria e chorava,
Porque em sonho presentia
Que era um sonho que eu sonhava...

Adelmar Tavares, o fino poeta de "Myriam, luz dos meus olhos", de cujo novo livro: "Noite cheia de estrellas", edição proxima de Pimenta de Mello & C., arrancamos os versos de tão envolvente commoção que embellezam esta pagina

INCREDULA

Olha-me bem nos olhos... Bem no fundo
Dos meus olhos... Ver-te-ás no teu altar,
E's meu tudo. E's a Santa do meu Mundo,
Do meu Destino, és o anjo tutelar.

Só tu me concedeste sonho e calma,
De como és vida do meu coração,
Não t'o diz minha voz, nem a minh'alma,
Nem mesmo as minhas lagrimas dirão.

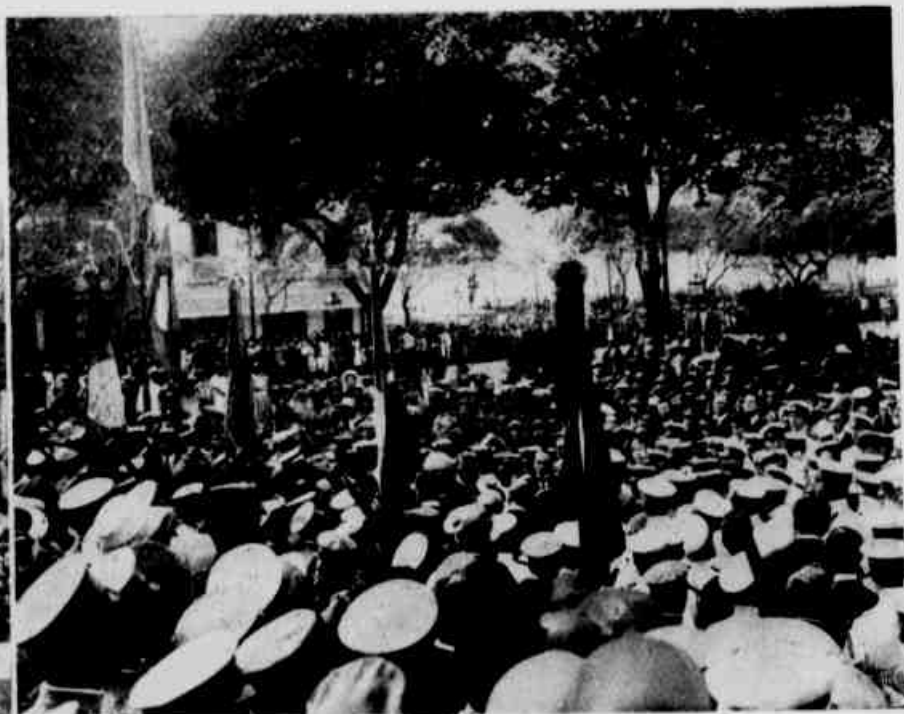
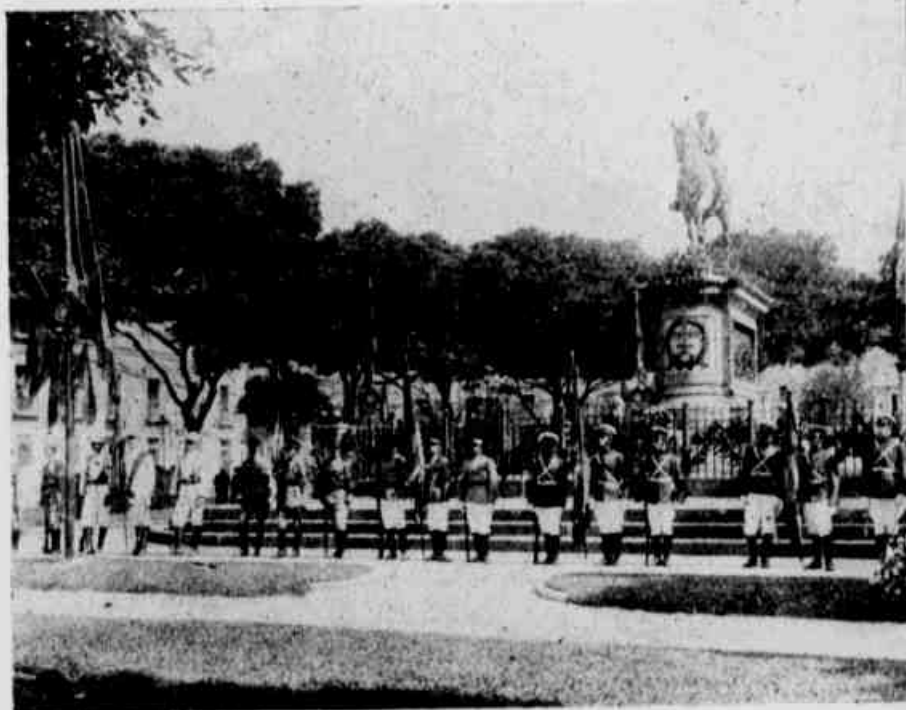
Mas, quando eu repousar em cova rasa,
E Deus, estrella ou flôr fizer de mim,
Estrella, — fico sobre a tua casa,
Flôr humilde, — abrirei no teu jardim...

✣

Para matar as saudades,
Fui ver-te em ancias, correndo.
— E eu que fui matar saudades,
Vim de saudades morrendo...

✣

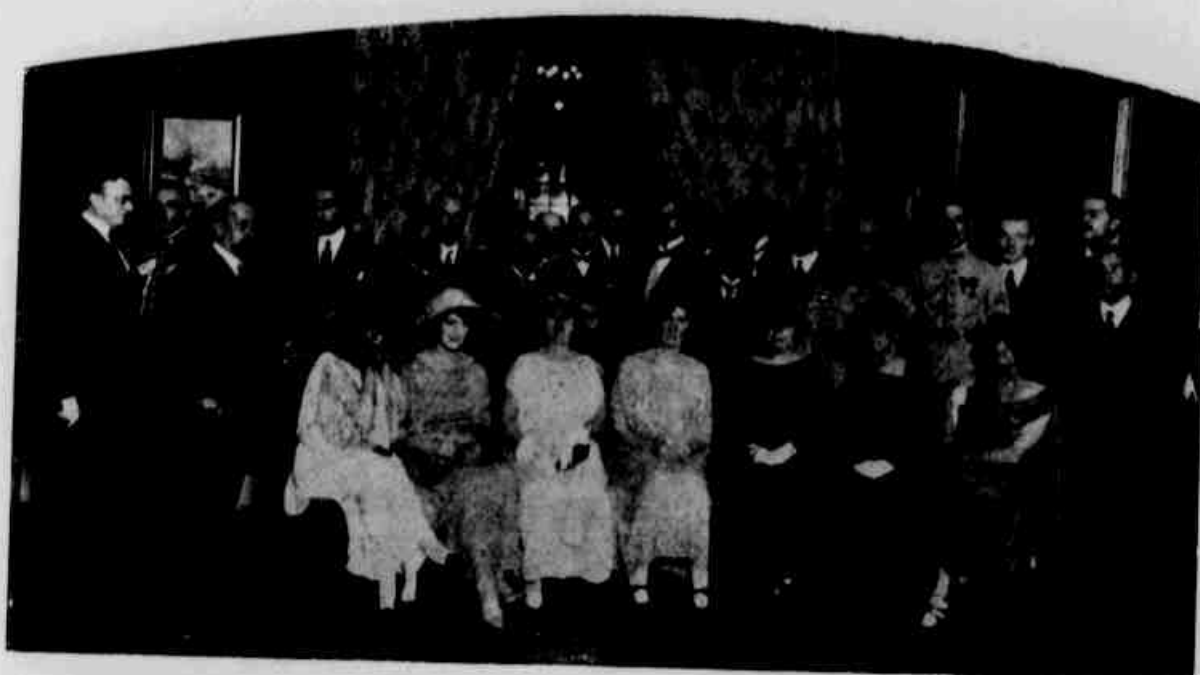
HONTEM, PLENO SALÃO...

Hontem, pleno salão da Baroneza,
Foi dito o nome teu, e estremeci.
Commentaram, louvaram-te a belleza...
Que és um lyrio de graça e de virtude.
Alma de Perfeição! Flor de Nobreza.
Todos fallaram, n'um louvor, a ti!
Fallaram todos. Quiz fallar... Não pude...
Baixei os olhos... e empallideci...

Junto ao monumento de Osorio — Aspectos da commemoração da batalha de Tuyuty

E TU PASSASTE...

Vi-te, na manhã de primavera... Na manhã de primavera, como os passaros cantavam! E meu coração sentiu-se feliz, embora passasses por elle e não o visses... E fugiste, na manhã de primavera...

Vi-te, depois, na manhã de verão... Na manhã de verão, o sol vagamente se inquietou...

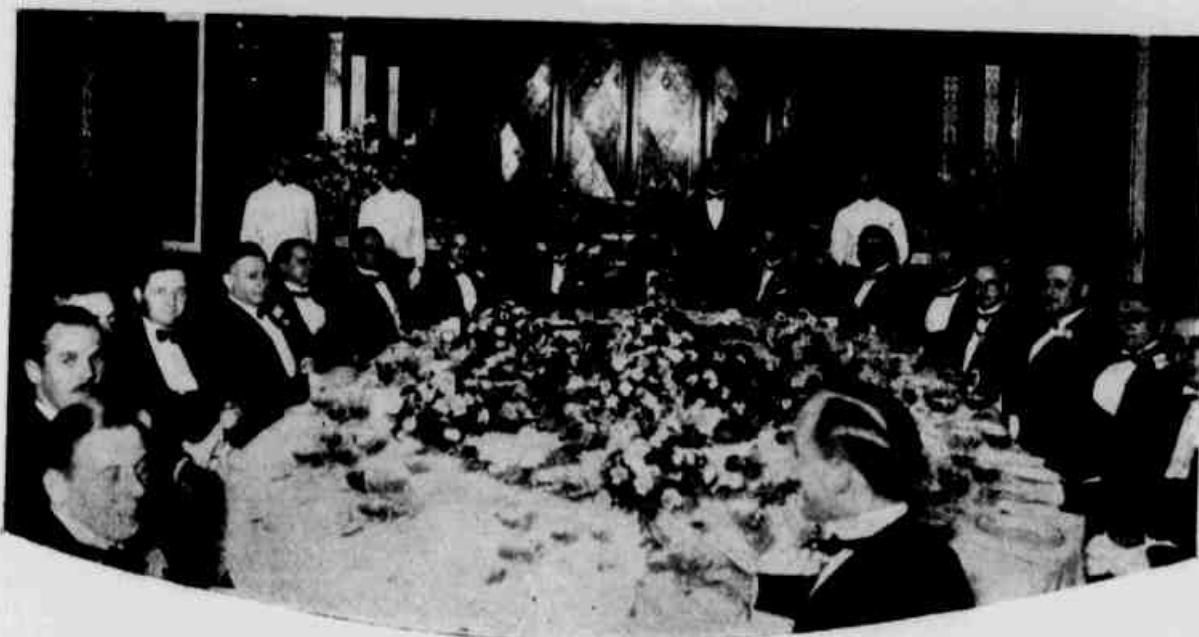
Vi-te, pela ultima vez, na manhã de inverno... Na manhã de inverno, que desconsolo humano na paizagem! Meu coração tiritava de frio; meu coração era como uma pobre creança doente... Então, passaste por elle e quizeste leval-o, — mas já era tarde! Meu coração tiritava de frio, meu coração tiritava e morria...

Recepção na Embaixada da Grã-Bretanha

Um aspecto da procissão do Corpo de Deus no dia 31 de Maio

era como um menino contente, um menino contente brincando com a luz... E meu coração riu de alegria, embora o roçasses e não désses por elle...

Vi-te, ainda, na manhã de outomno... Na manhã de outomno, as folhas cahiam, sem rumo, sob um vento que rezava orações pelo arvoredo... E tu, passando por meu coração, vagamente o olhaste, e elle

CARLOS DRUMMOND

■

Banquete no Jockey Club, offerecido pelo Sr. M. E. Marwin aos seus amigos, para solemnisar a fundação da Sociedade Anonyma Marwin, levada a effeito no dia 2 do corrente.

Por muito tempo, um escravo e um tyranno estiveram occultos na mulher. E' por isso que a mulher ainda não é capaz de amisade: conhece sómente o amor. — NIETZSCHE.

Comedias e Comediantes

LÁ POR FÓRA — Em todos os tempos a dansa foi um prazer esthetico. Os hellenicos fizeram della uma arte de academias admiraveis. Os orientaes emprestaram-lhe o caracter lascivo e sensual da attitude e do gesto. Rolaram os seculos e o minueto estabeleceu a galanteria e o faceirismo finamente fidalgo. Com as graças do espirito, desenvolveram-se as graças plasticas. A dansa era o encanto e a delicadeza. Mas como a dansa era um culto ao Amor e o divino deus é filho de Venus, a dansa teve que tomar uma fórma voluptuosa. Nasceu a valsa e com ella os requebros languidos e provocantes... Aquelles contactos que estimulavam, punham ardores vivissimos no sangue... agitavam os corpos e houve necessidade de achar uma dansa que fatigasse, que insensibilisasse para o amor e deuse vida á polka. Porém a vivacidade da polka, em que, no regambolear, se mostrava o contorno das pernas, operou uma tal liberdade no Amor que originou o principio da indifferença por aquillo que até então era um segredo cubiçado: o recato. A esthetica abdicou de seus privilegios e cedeu á influencia dos movimentos desordenados. A loucura começou a invadir os dominios da dansa. Os lanceiros, a quadrilha, o proprio can-can já não satisfaziam. Era preciso mais. O Amor abastardara-se e aos punhos de renda e curvaturas gentis, preferia os gestos desordenados e abriu os braços ao exotismo. Appareceu, então, Cake-Walk, a dansa americana que, ha bons vinte annos, campeou mundo afóra, enchendo theatros e salas de gritos estridentes, entremeados com os sons vibrantes dos metaes das orchestras. Os corpos vergavam-se, ora para a frente, ora para traz, até ameaçar a queda; os braços e as pernas em constante agitação, eram lançados em movimentos bruscos de uma originalidade duvidosa. E o Cake-Walk teve uma voga tremenda. Veiu a fadiga e a dansa tornou ás dansas langorosas: o maxixe, a valsa lenta, o tango... O Amor insensibilisa-se de novo e os movimentos acceleram-se aos poucos com o one-step, o two-step, o rag-times, o fox-trot e o shimmi...

A actriz Philomena Casado, futura *estrella* do Theatro S. José.

Mas o Amor é um despota e exige a vertigem, o delirio, o frenesi, e como não ha uma nova dansa, bastante viva para obrigar os pares a um redemoinho louco, crearam os concursos de resistencia. Já não se dansa por divertimento, pois que todo o mundo está enjoado da monotonia de um baile que não arrasa a saude. Hoje, dansa-se para morrer. E' um novo genero de suicidio. Na America do Norte dansa-se 48 horas, em Paris 24: não ha descanso, é uma febre e feliz daquelle que, após um tão extenuante exercicio, com os pés feridos, as pernas insensibilisadas pelas caimbras e o coração sem força para funccionar, passa desta para outra vida! Morre-se para bater o record... da estupidez dansante.

CÁ POR CASA — A revista de Fritz e Frotz, Olha á direita, tem uma montagem sumptuosa e espirito em barda. E' carreira certa até ao centenario.

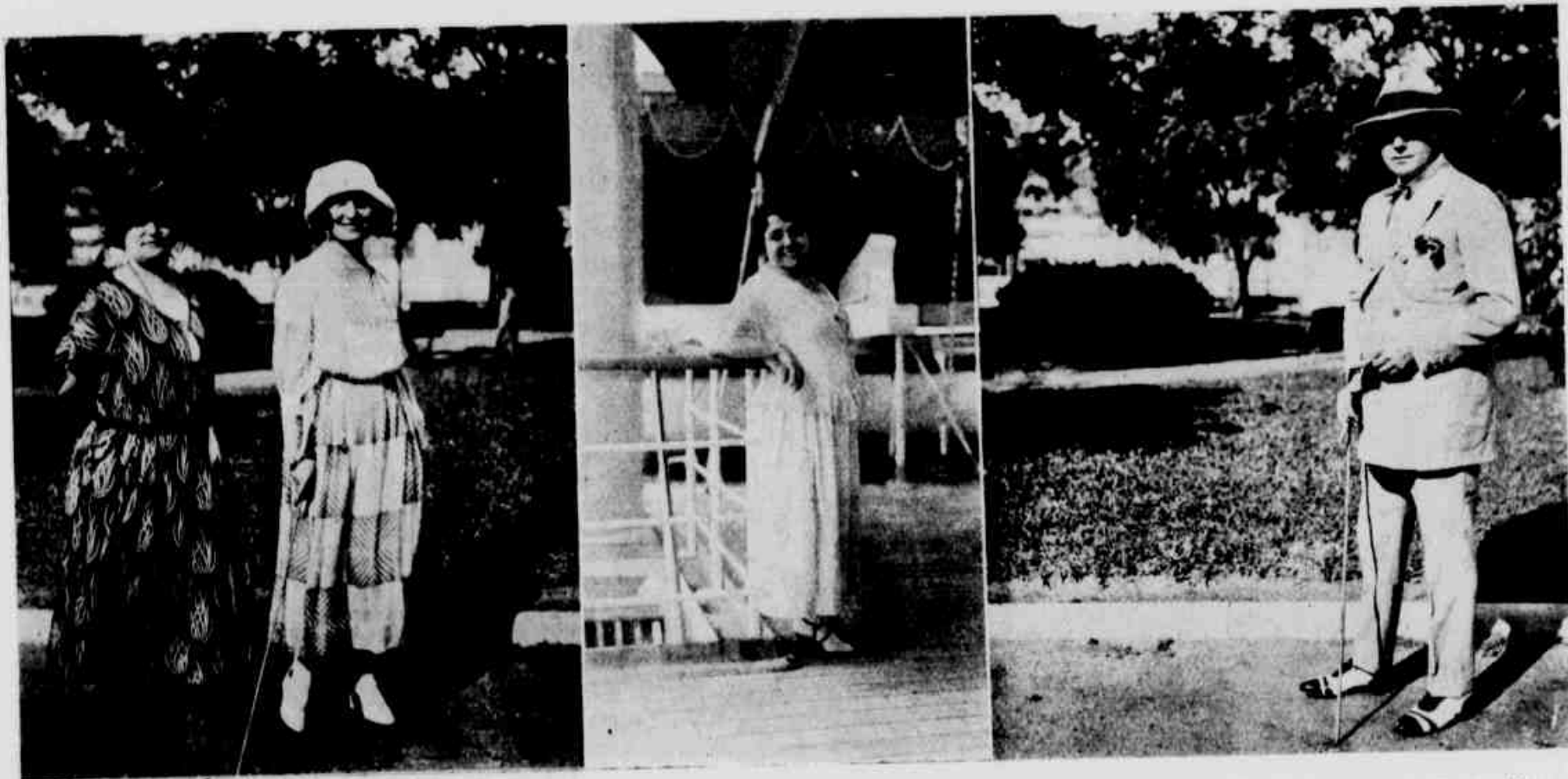
— Este tenor não tem voz. A dez passos não se ouve uma nota.

— E' o que se póde chamar uma voz para se dedicar á cinematographia.

PARA FECHAR A PORTA—Numa peça de França Junior, De Petropolis a Paris, uma personagem, ouvindo gabar a excellencia de um prato de lingua, deve dizer: "Cá para mim, o boi devia ser todo lingua". A opportunidade do disparate produzia sempre um grande effeito de hilaridade. Certa vez, o actor incumbido de fazer o papel, chegado o momento, impressionado talvez pelo prato que lhe tinham servido ao jantar, debitou com alegria:

— Cá para mim, o boi devia ser todo mão de vacca!

Tableau!

ZE', FISCAL.

A proxima temporada lyrica — A soprano Dragoni e sua mãe; a soprano Del Monti; o barytono Galleffi.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

MOSTRA DE ARTE RELIGIOSA ALLEMÃ

Organisada pela Liga das Associações de Caridade Allemãs sob o patrocinio de S. E. o Sr. Cardeal Schulte, de Colonia, foi inaugurada a 2 deste mez, no Palacio das Festas da Exposição, a mostra de Arte Religiosa Allemã, da qual damos aqui duas photographias.

A Exposição Internacional continúa a attrahir ao seu recinto, diariamente, grande numero de visitantes.

O ponto preferivel de passeio é agora o recinto da Exposição, onde se encontram numerosas familias e cavalheiros que percorrem a bella avenida das Nações e visitam os pavilhões estrangeiros e nacionaes.

Aproveitando a occasião melhor, que é a presente para apreciar com minucia tudo quanto contêm esses pavilhões, os visitantes nelles se demoram para examinar em detalhes os objectos e productos expostos. E ha muito que admirar em todos elles.

Os pavilhões nacionaes estão franqueados nos dias uteis, das 10 ás 18 horas e, aos domingos, das 12 ás 20 horas.

Devemos, dentro desse espaço de tempo, visitar a Exposição.

Só percorrendo os nossos pavilhões poderemos fazer uma justa idéa do que é o Brasil actual.

Em cima, grupo feito no Caes Mauá, á despedida do nosso companheiro Jacintho Toller, que embarcou no *Southern Cross* para os Estados Unidos, a serviço desta Empreza. Acompanhou-o sua Exma. Senhora. Vêem-se na photographia o Sr. Coronel Collier, directores da S. A. *O Malho*, redactores das nossas revistas e pessoas das relações dos viajantes.

No Pavilhão Americano, da Exposição: *smoker* offerecido á imprensa pelo Sr. Coronel Collier, Commissario Geral dos Estados Unidos da America do Norte. Na primeira photographia, á direita, está S. S. com Raul Pederneiras. A photographia seguinte foi feita no dia da festa em homenagem á Republica Argentina. Em baixo, a hora do cinema.

No chá de despedida que o Sr. Ministro do Japão e a Senhora Horigoutchi offereceram ao corpo diplomatico e pessoas de suas relações. Grupo na Legação, á rua Voluntarios da Patria

No palacio da embaixada argentina, quando o Sr. Embaixador e a Senhora Mora y Araujo offereceram um banquete ao Sr. Ministro das Relações Exteriores e Senhora Felix Pacheco

O CATACLYSMO

Era por uma noite tempestuosa.

O vento açoitava os pinheiros com rajadas formidaveis, a agua que cahia das nuvens em torrentes inundava as estradas.

O ceu parecia querer fazer um Diluvio Universal. O trovão ribombava magestosamente...

Parecia o dia de juizo.

No seio da mysteriosa natureza fugia um cavalleiro levando no seu corcel uma formosa donzella que gritava!

O relampago, traçando no espaço luminosos caracteres de fogo, parecia querer abrasar a terra. Inclinando-se para a terra já submissa, o Inferno dava-lhe um beijo.

Os valles, as collinas, as planicies, tudo estava destruido; os lobos expulsos das suas cavernas uivavam nas trevas.

O espirito do mal reinava como monarcha absoluto, e os elementos em lucta pareciam querer redobrar em força e em horror.

A' sua voz abriam-se os abysmos, fogos fatuos iam dançar e morrer nos cumes que Satanaz queria arrasar!

O trovão durante a tormenta ribombou furiosamente.

Dir-se-hia que o Ceu e o Inferno disputavam a posse da terra. Ao alvorecer levantou-se o veu das trevas; havia desapparecido a lucta e o horror que cahiram sobre o Universo.

A terra estava orvalhada!

Os campos estavam povoados de passaros que vinham beber o orvalho e cantar á margem dos ribeiros.

No seio da insondavel natureza já nenhum cavalleiro fugia, mas no meio da relva, abandonada, uma donzella orava fervorosamente!

GONÇALVES PEREIRA.

A SAUDADE

A saudade... não, nunca ouvira falar da saudade... E eu tive uma immensa pena em explicar-lhe que a saudade só vivia para nós, que sendo verbo e idéa como alma e corpo, ella não a podia sentir, porque lhe não conhecia o nome. E falei-lhe muito da saudade, disse-lhe muitas vezes, no pequenino vocabulo, o poema da alma lyrica da minha terra... E ella m'o repetiu com ternura num momosinho delicioso, que trahia o esforço do accento peregrino, os olhos muito abertos, na alegria daquella iniciação. Tempos depois, vieram-me as suas primeiras cartas, e a saudade andava por ellas como um perfume dolente... Soffria, mas era feliz, e agradecia-me o tel-a iniciado no dulce martyrio...

LEOPOLDO PÉRES.

PROJECTOS

ELLA — Depois faremos a nossa viagem de nupcias em torno do mundo?

ELLE — Naturalmente! E de taxi, para fugir aos *cadaveres*.

TERRA CARIOCA

EGREJA E RECOLHIMENTO DO PARTO

O despreoccupado carioca que passar hoje pelo trecho da rua Rodrigo Silva, estamos certos, não se recordará do velho scenario daquelle recanto do Rio de Janeiro. Mesmo os velhos estarão esquecidos de tudo, taes as modificações por que passou. Principiava ali a rua dos Ourives, e não tinha as construcções de hoje. Onde hoje é a rua Rodrigo Silva erguia-se um vasto casarão, acaçapado, sem architectura que o caracterisasse; em ligação com elle erguia-se a egreja, porém de aspecto diverso do de hoje, sem aquella detestavel torre anti-architectonica; o seu aspecto era mais pobre, porém muito mais esthetico; para desdouro dos fóros de civilisados, ella é moderna, modernissima mesmo... A impressão deixada por este tão grande destempero é dolorosa, revelando mais uma vez quão perniciosa é a casta avassaladora dos famosos mestres de obras na nossa cidade. Mil vezes era preferivel o seu aspecto de outr'ora, simples, sem tantos requififes! *O absurdo exige mais do que nunca a creação de uma policia esthetica para zelar e introduzir os requisitos de belleza, exigidos em uma capital como a do Rio de Janeiro, mas uma policia composta de entendidos em materia de esthetica urbana e não de bachareis burocratas como soe acontecer em nossa terra, todas as vezes que se cogita de algum emprehendimento de relevancia.*

Mas deixemos de parte estes commentarios pouco producentes e tratemos do assumpto da nossa chronica.

Porta principal da egreja de N. S. do Parto, na rua Rodrigo Silva.

Frei Agostinho de Santa Maria nos dá a ermida do Parto como fundada em 1653, porém o illustre historiador da cidade, Dr. Vieira Fazenda, em uma das suas peregrinações pelos velhos archivos, descobriu no Instituto Historico e Geographico Brasileiro um documento em franca contradicção com a referida data. Em uma das suas brilhantes chronicas sobre a pittoresca egreja elle escreve:

Trecho da rua Rodrigo Silva, onde se erguia o Recolhimento do Parto.

"Todos os historiographos que têm copiado o supradicto auctor, acceitam a opinião de Frei Sancta Maria. Ha, entretanto, no archivo do Instituto Historico um documento, pelo qual se prova que antes de 1653 já existia a capella do Parto: é um quaderno pertencente a monsenhor Pizarro, em que este escriptor tomára nota de documentos dos cartorios dos tabelliães e de muitas escripturas que serviram de base ao seu trabalho, as mui conhecidas e citadas Memorias Historicas."

Como prova da verdade, o historiador cita um trecho da alludida escriptura, concebido nos termos seguintes:

"Francisco Frazão e sua esposa Maria Barbosa venderam a João Fernandes, carpinteiro, tres braças de chaôs, na rua que ia para Sancto Antonio, a saber: braça e meia venderam por dez mil réis *e a outra braça e meia deram de esmola* para a ermida de Nossa Senhora do Bom Parto."

Em vista de tão flagrante contradicção, é justo acreditar na sua informação, por todos os titulos merecedora de fé.

Durante vinte e sete annos, a partir de 1705, agasalhou a egreja do Parto a Irmandade dos Clerigos de S. Pedro, que a suas expensas reconstruiu o santuario com o dinheiro deixado pelo padre José de Carvalho Dias, fallecido no dia 1 de Outubro de 1706. Constava a esmola em duzentos mil réis, com a clausula expressa de ser empregada nas obras em andamento na egreja por conta da mencionada Irmandade dos Clerigos.

Esteve tambem abrigada por algum tempo na egreja do Parto a Irmandade de S. Jorge, como provou o illustre Dr. Vieira Fazenda em successivas chronicas. Em 1699 foi creada a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, por homens pretos e pardos, devidamente licenciados pelo Cabido e provisão do padre Thomé de Freitas da Fonseca, então governador do Bispado "com consentimento e grande regosijo do proprietario e padroeiro João Fernandes foi-se installar na egreja do Parto, com altar proprio para o culto da Senhora das Mercês. João Fernandes, achando-se adeantado em annos e muito alquebrado pelas enfermidades, não podendo administrar a egreja e o seu patrimonio, cedeu tudo á Irmandade das Mercês com obrigações escriptas."

Um aspecto importante na egreja de Nossa Senhora do Parto é a existencia de quadros do grande pintor Leandro Joaquim, vivente no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos, ignorando-se as datas do seu nascimento e morte.

Segundo as chronicas do passado, o pintor, além dos quadros que ainda existem na egreja, executou uma Santa Cecilia, *um* S. João, *uma tela da* Nossa Senhora das Mercês *e um* Santo Eloy. *Naturalmente esses trabalhos tiveram a mesma sorte de tantos outros de notaveis artistas do Brasil colonia, arruinou-os o tempo ou emigraram na companhia de algum espertalhão conhecedor dos seus incontestaveis meritos. Leandro Joaquim, segundo uma biographia de Moreira de Azevedo, "era quem melhor dourava as fitas, que como medidas de santos, se distribuiam nas festividades". Foi o pintor uma das victimas da epidemia que infestou a cidade no tempo de Luiz de Vasconcellos, chamada* Zamparine. *Em consequencia da terrivel molestia, ficou hemiplegico e impossibilitado de trabalhar. Como grande e fer-*

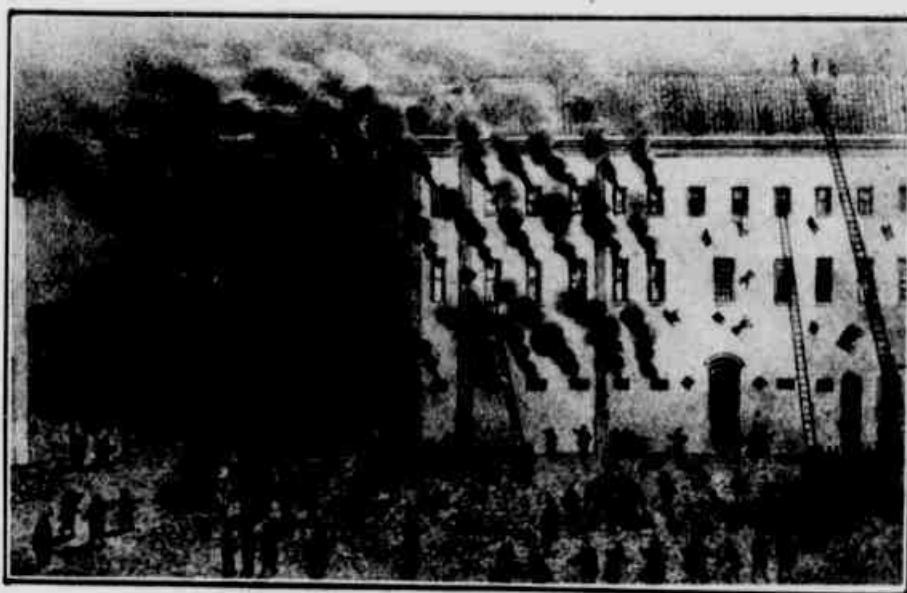
voroso crente da Virgem da Boa Morte, implorou a sua protecção, promettendo, no caso de restabelecer-se, executar um painel representando-a; curado, cumpriu o voto. O painel existe na egreja do Hospicio.

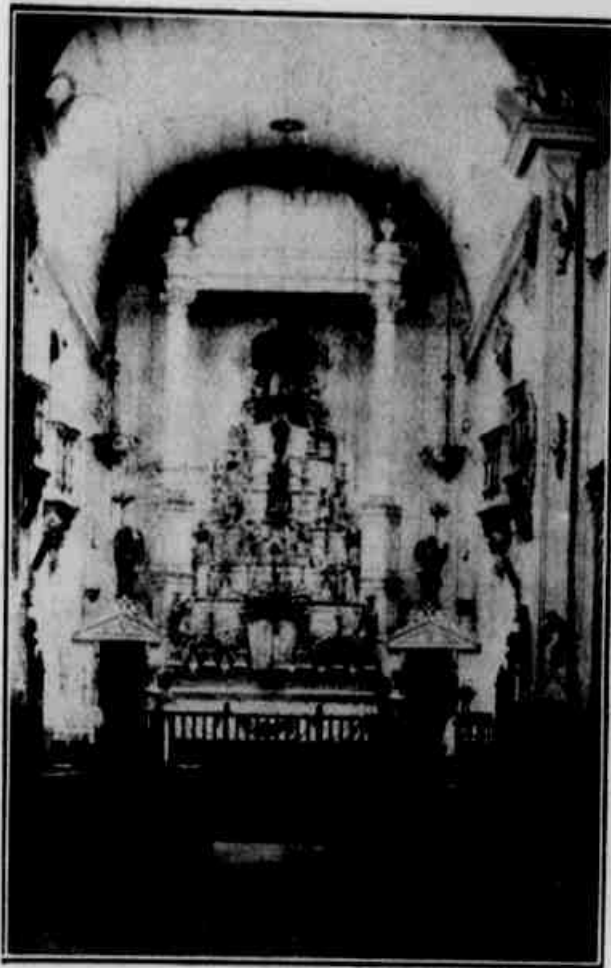
Aspecto da egreja, vendo-se a torre ultimamente construida.

Os quadros da egreja do Parto têm ligação muito estreita com o templo, representam o incendio que abateu a egreja, o recolhimento na madrugada de 23 de Agosto de 1789 e a sua reconstrucção. Em um dos quadros existem os retratos do vice-rei e mestre Valentim. Este ultimo foi copiado por Lucilio de Albuquerque, a pedido do saudoso Dr. Araujo Vianna, servindo para Moreira Junior executar a herma existente no Passeio Publico, inaugurada a 1° de Março de 1913. As duas preciosas telas acham-se em estado de causar piedade, collocadas no escuro corredor da direita, completamente negras pela falta de conservação. Vimol-as ainda no dia 25 de Maio, em rapida visita ao templo. Deve tambem existir na egreja o retrato de Luiz de Vasconcellos, pintado por elle.

Vejamos agora o recolhimento, construido ao lado da egreja. O recolhimento de Nossa Senhora do Parto existiu ao lado da egreja, no principio da antiga rua dos Ourives, foi fundado por frei Antonio do Desterro, conforme o que está escripto por monsenhor Pizarro nas suas Memorias Historicas, livro 7°, paginas 265, 266, 267 e 268. Na integra offerecemos aos nossos leitores alguns topicos do notavel historiador:

"O Recolhimento de N. S. do Parto, erigido na contiguidade da egreja do mesmo titulo, deveu a sua fundação a R. Bispo D. Fr. Antonio do Desterro, applicando (por Breve Pontificio que obteve) mais de quarenta mil cruzados, deixados por Estevão Dias de Oliveira para se distribuirem a beneficio de sua alma, depois de satisfeitos os legados e cumpridas varias obras pias, como dispuzera. Principiada a construcção do edificio no anno de 1742, e concluido com sufficientes commodos para asylo de mulheres não virgens, entraram a habital-o algumas, que deixando a perversidade do seculo, reformaram a vida e costumes antigos, trocando-os por Sancta e regular conducta. Decadente o material dessa Casa, e do Templo unido, tudo se achava em necessidade de reforma, que a falta de meios e a má administração dos seus reditos, assás tenues, haviam suspendido: nestas circumstancias suspirava-se pela compaixão de um bemfeitor, que cheio de Religião verdadeiramente Christã, e de zelo fervoroso, se interessasse no reparo de ambos os edificios, fazendo ao mesmo tempo arrecadar com fidelidade suas pequenas rendas."

O edificio do Recolhimento existia até bem pouco tempo, foi demolido quando abriram a Avenida Rio Branco. Antes da sua conclusão interna, manifestou-se um violento incendio, "que, communicando-se com rapidez ao Templo, reduziria ambos a cinzas em poucos momentos, se as vigilantes, activas e mui promptas disposiçoens do mesmo Illustrissimo Patrono não atalhassem seu total estrago no principio do dia 24 de Agosto de 1779." (1)

O incendio do Recolhimento do Parto em 23 de Agosto de 1789

A imagem da Senhora do Parto foi salva e as recolhidas foram hospedadas provisoriamente no Hospital da Penitencia durante 3 mezes e 17 dias, tempo preciso para as reparações causadas pelo fogo. Ainda a Luiz de Vasconcellos se deve o acto de caridade e a presteza da reconstrucção que terminou em

Capella-mór da egreja de N. S. do Parto.

Dezembro de 1789. Sobre a origem do Recolhimento, Vieira Fazenda nos conta: "Da correspondencia dos bispos do Rio de Janeiro consta, em 21 de Julho de 1756, a charta de D. Frei Antonio do Desterro, que tractando do assassinato de uma adultera pelo marido, que por sua vez foi morto, mostrava a necessidade da creação de um recolhimento para 50 mulheres, e pedia ao governo a competente licença; pois para tão util instituição contava com a piedade de algumas pessoas ricas, que queriam contribuir com grossas esmolas. Esse recolhimento serviria não só para receber mulheres convertidas, como as casadas, a que estivesse obrigado a acudir, ou para as livrar da morte ou para seus maridos as livrarem de que continuem em offendê-los."

Em 30 de Setembro de 1812, foi feita á mitra a doação da Egreja e Recolhimento pelo vice-rei; mais tarde, porém, a tutela passou para o Seminario de S. José, em virtude de uma portaria do bispo D. José Caetano, datada de 13 de Novembro de 1829.

Junho de 1923.

ERCOLE CREMONA.

---

(1) Memorias Historicas — Pizarro.

Elaine, o corpo mais perfeito de Paris, bailarina de extraordinaria elegancia

BA - TA - CLAN

Artistas da "troupe" que em breve vamos ver.

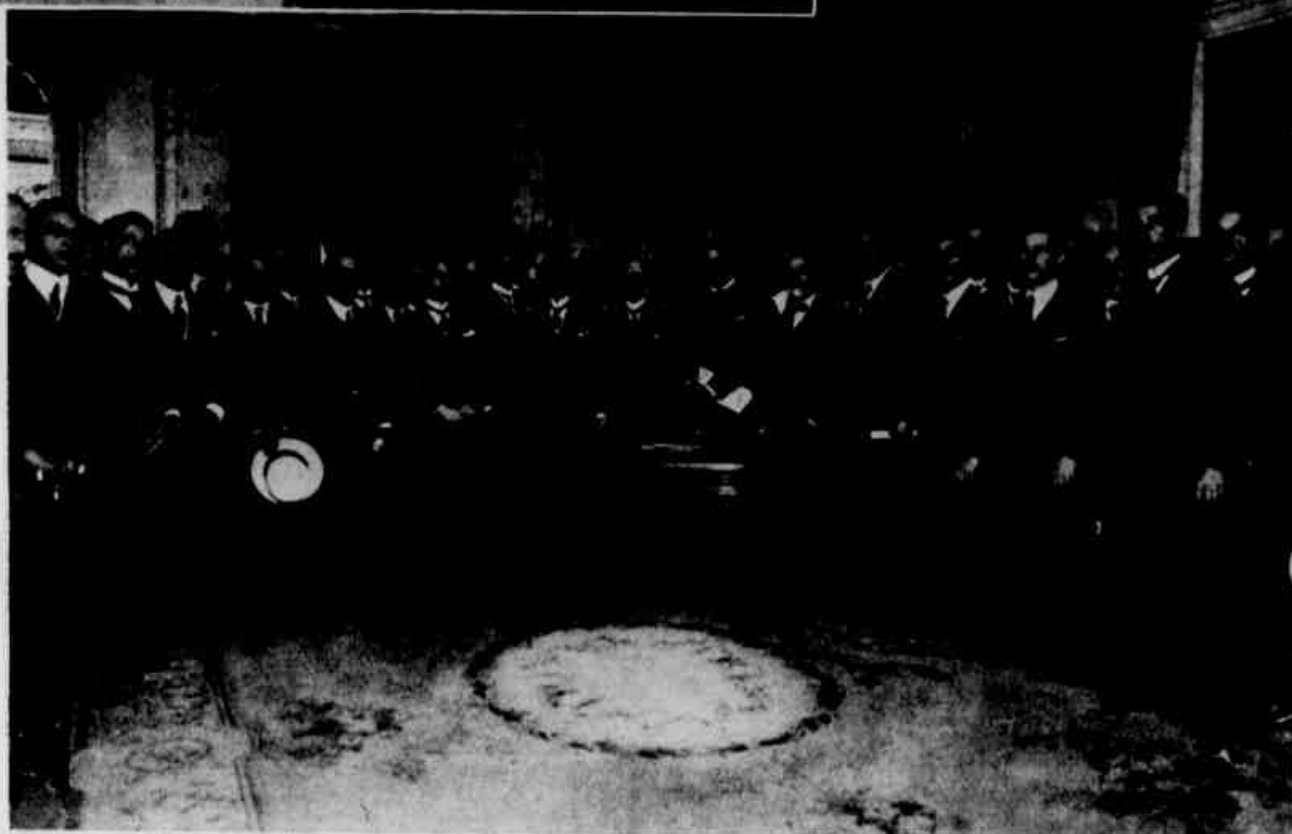
Lilly Fioretti

Mademoiselle Bird

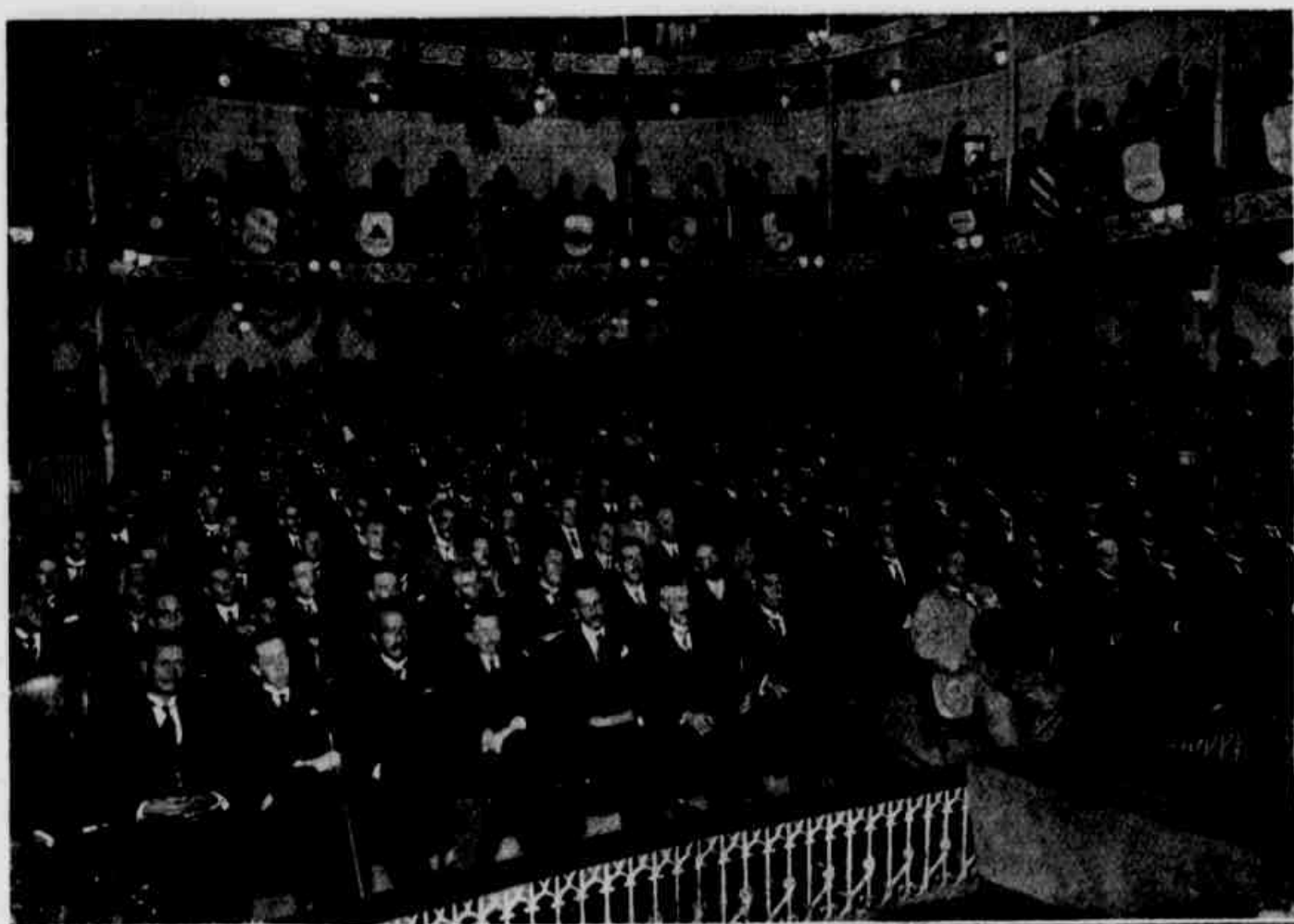
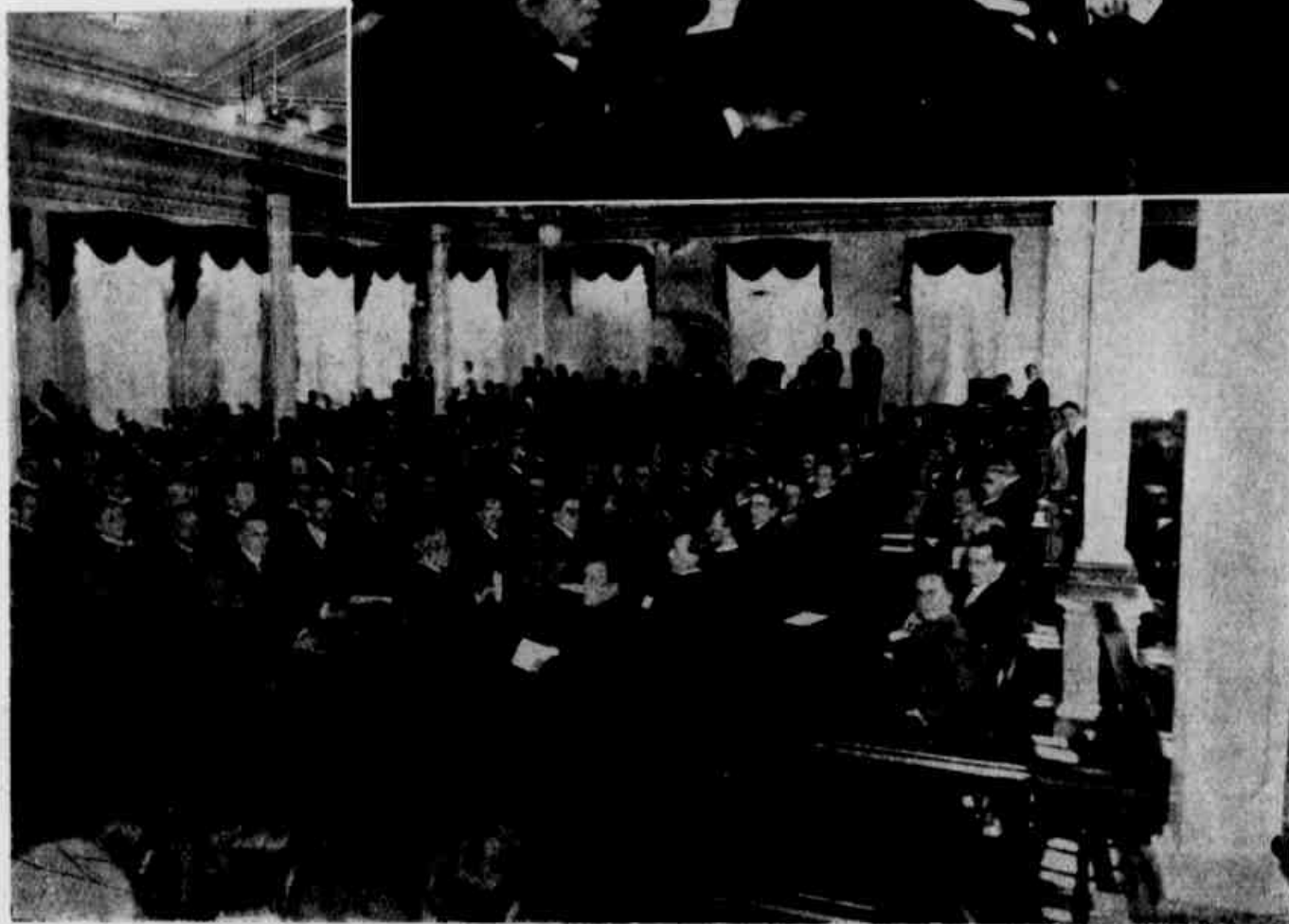
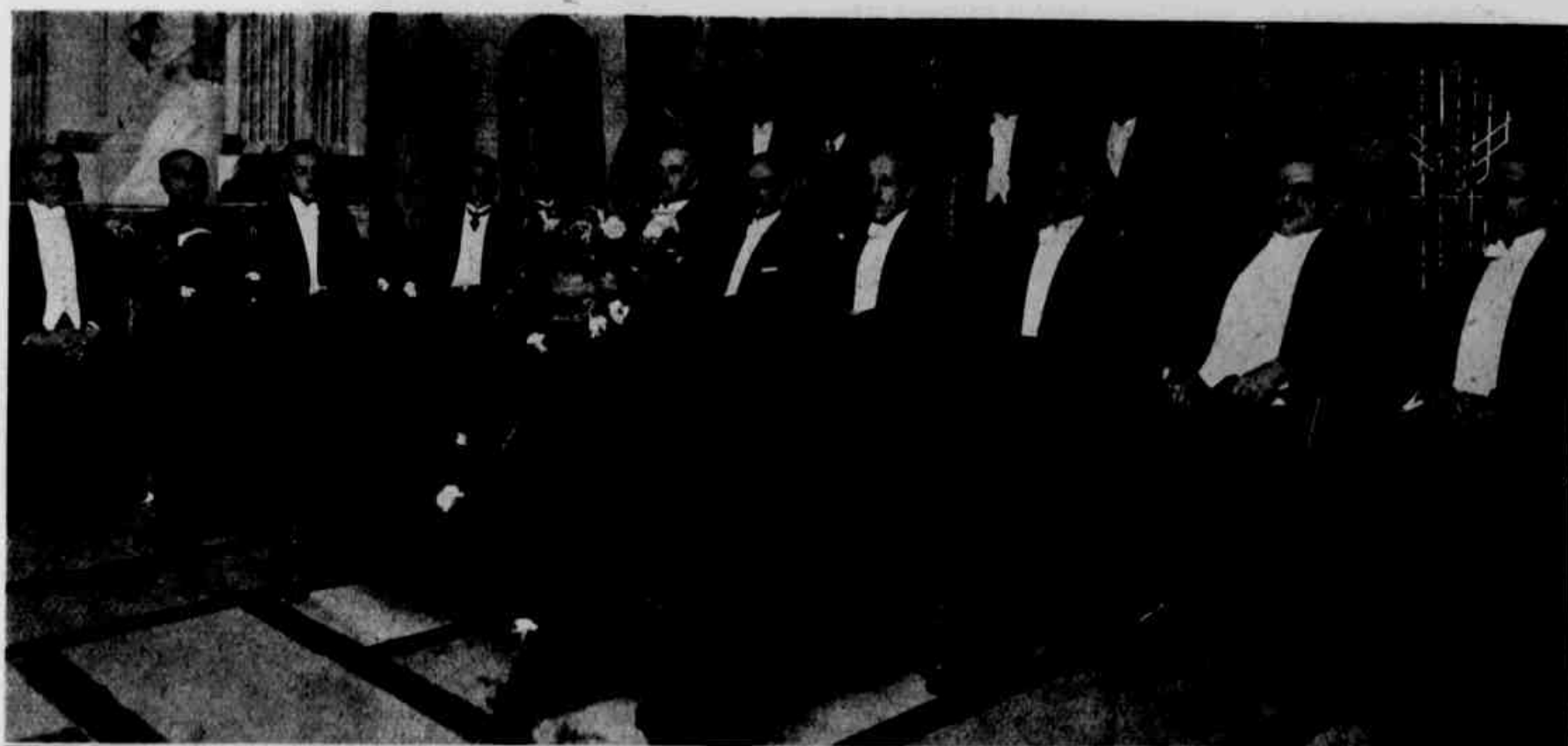
Germaine Joyse

O CONGRESSO DAS MUNICIPALIDADES MINEIRAS

sessão solemne de installação. — Os membros do Congresso no Palacio da Liberdade, quando foram cumprimentar o Sr. Presidente Raul Soares. — Mesa eleita para dirigir os trabalhos do Congresso, sob a presidencia do Dr. Mello Vianna.

A installação do Congresso das Municipalidades Mineiras, em Bello Horizonte, domingo, pelo Presidente Raul Soares, com a presença dos Srs. Ministros da Justiça e da Viação, é um acontecimento de larga repercussão na vida administrativa do paiz inteiro. As sessões realisadas, sob a presidencia esclarecida do illustre Sr. Dr. Mello Vianna, se interessam principalmente Minas Geraes, não deixam de influir no paiz inteiro, como altas lições dignas de ser seguidas.

Chegada do Sr. Dr. João Luiz Alves, Ministro da Justiça, a Bello Horizonte, onde foi assistir á reunião das Municipalidades Mineiras a convite do Sr. Dr. Raul Soares, Presidente do Estado. — Depois da

O CONGRESSO DAS MUNICIPALIDADES MINEIRAS

Sessão preparatoria no edificio da Camara, em Bello Horizonte.

Sessão preparatoria da installação do Congresso, sob a presidencia do Dr. Mello Vianna.

Installação do Congresso no Theatro Municipal de Bello Horizonte.

A INSTALLAÇÃO DO CONGRESSO DAS MUNICIPALIDADES MINEIRAS

Mesa que presidiu a sessão de abertura. No logar de honra, o Presidente Raul Soares, que proferiu notavel discurso — Instantaneo batido no acto da installação da assembléa, no Theatro Municipal de Bello Horizonte — Congressistas sahindo do edificio da Camara, depois da sessão preparatoria.

Cinema Para todos...

Chronica

VARIAS

Entre os projectos de construcção de novos estabelecimentos de projecção a que nos referimos em passado numero, deixou de figurar um, que se bem não attinja as proporções dos naquelle artigo referidos, não deixa entretanto de representar um grande melhoramento. Referimo-nos ao Parisiense, actualmente um salão angusto que mal accommoda umas 4 centenas de espectadores e que, depois das obras, poderá quasi triplicar sua capacidade.

Toda gente se lembra dos tempos aureos desse cinema, quando nelle explorava o Sr. Staffa os dramalhões da Nordisk; são dos nossos tempos a sua reabertura e o fracasso subsequente da empreza que demasiadamente confiava no espirito conservador do nosso povo e por falta de senso psychologico imaginava a possibilidade da cristallisação do gosto de nosso publico depois de habituado ás novidades trazidas pelo film americano.

Em mãos de uma nova empreza, explorando producções modernas, de real valor, como foram as da marca hoje extincta — Realart — o Parisiense se impoz de novo á consideração do publico e a empreza que actualmente o explora já se encontra em situação de emprehender grandes obras de remodelação total do predio, de sorte a poder alargar mais ainda a area dos seus negocios e augmentar a possibilidade dos seus lucros. Aos poucos vão se convencendo os proprietarios dos cinemas da Avenida da necessidade imperiosa, inadiavel, dessa transformação. Ainda bem que assim aconteça.

☆ ☆ ☆

Quando foi da abertura da nossa Exposição do Centenario, reunidos em Paris os productores de films, entre as idéas aventadas houve uma de serem tomados todos os cinemas do Rio de Janeiro para a exhibição exclusiva dos films francezes.

Esse absurdo foi lembrado por quem naturalmente imaginava o Rio de Janeiro uma aldeiola e avaliava do gosto de seus habitantes com a absoluta superioridade de quem estuda os habitos de ces sauvages de la-bas *imaginando fazer um grande favor em lhes fornecendo por preços escorchantes as obras primas dos* studios *francezes, muito acima da comprehensão e gosto artistico dos povos de todas as Americas. Não passou a proposta, no cenaculo dos productores, ficando simplesmente a idéa.*

Os films francezes continuam a pingar de quando em quando em nosso mercado. Raros os de valor. As series Gaumont, de uma perfeita imbecilidade, desertaram a Avenida, buscando bairros reconditos, cidades atrazadas.

Um só importador se esforça patrioticamente para salvar os creditos da cinematographia franceza, luctando com mil difficuldades ante as crescentes exigencias, perfeitamente absurdas, dos productores — o Sr. Léon Abram.

Que tem conseguido afinal?

Até agora nada. E nem cremos o consiga nas condições actuaes, tendo a luctar com uma concorrencia que lhe será necessariamente fatal.

As emprezas americanas jogam com todos os trunfos na mão. Quando um film sae dos Estados Unidos já o seu custo está coberto duas, tres, vinte e mais vezes pela exploração nos 20.000 cinemas que lá existem. A exploração estrangeira não conta, em geral, como lucro commercial. As agencias no estrangeiro são na verdade agencias de propaganda do grande paiz do norte. O prestigio do film norte-americano marca a prestigio de tio Sam *no globo.*

Como luctar nessas condições?

OPERADOR.

LON CHANEY, ou melhor, Lon Frank Chaney, foi sempre um dos grandes caracteristicos da tela, desde os primeiros dias de sua carreira brilhante. Nasceu em Colorado Springs, no dia 1° de Abril de 1883 e recebeu a sua educação nesta mesma cidade. Já trabalhou no palco. No cinema tem figurado numa quantidade enorme de films de quasi todas as fabricas, principalmente a Goldwyn e Universal. Tem sido uma successão de grandes triumphos! Estamos preparando para muito breve a sua completa biographia. Por isso, evitamos falar alguma coisa mais deste extraordinario, magnifico e notavel artista que é Lon Chaney!

No proximo numero: LILA LEE.

☆ ☆ ☆

Emerson Hough, escriptor e historiador conhecidissimo na America, autor do argumento do film *The covered wagon*, da Paramount, morreu. Este film tem alcançado um successo extraordinario em toda a America do Norte.

☆ ☆ ☆

O proximo film de Gladys Walton chamar-se-á *Sawdust*. O galã será Niles Welsh.

☆ ☆ ☆

Em *Broadway Gold*, da Tiffani-Truart, figuram Elaine Hammerstein, Elliott Dexter, Kathlyn Williams e Harry Northrup, o cynico dos antigos films da Vitagraph.

1) *Patsy Ruth Miller* — 2) *Gloria Swanson* — 3 e 4) *Virginia Valli*

L E A T R I C E   J O Y   E ' T H O M A

E THOMAS MEIGHAM

A caracterisação no cinema

Wallace Beery em Bavu, *da Universal*

Theodore Kosloff e Betty Compson na Dansa dos Apaches.

Mae Busch foi a escolhida para o principal papel de *Master of man*, de Hall Caine, film da Goldwyn, que está sendo preparado sob a direcção de Victor Seastrom.

☆ ☆ ☆

Colleen Moore e Maurice Canon, um actor franrez, foram contractados pela First National.

☆ ☆ ☆

Mae Marsh, depois de fazer alguns films na Inglaterra, está fazendo agora *The White flower*.

☆ ☆ ☆

Penroad and Sam, continuação de *Penrod*, com Benny Alexander no papel principal, direcção de William Beaudine, está quasi concluido.

Tom Forman ensinando a Monte Blue a pratica do beijo cinematographico.

NAS ENCRUZILHADAS DE NEW YORK

(THE CROSSROADS OF NEW YORK)

Film da First National, lançado em 1922, escripto e produzido por Mack Sennett e dirigido por F. Richard Jones

DISTRIBUIÇÃO

Miguel Flint....	George O'Hara
Grace St. Clair..	Ethel G. Terry
James Flint.....	Noah Beery
Os reporters.....	) William Bevan) Ben Deely
John D. Anthony	Herbert Standing
Chester	Robert Cain
O Juiz..........	Charles Murray
Ruth Anthony...	Kathlyn Mac Guire

O imponente creado estatelou os olhos quando aquelle rapaz timido e desageitado, nas suas vestes domingueiras de provinciano lhe perguntava pelo Sr. James Flint, como si fosse a coisa mais natural desse mundo falar ao poderoso senhor.

O homem mediu-o de alto a baixo, duvidou dos seus ouvidos, tornou a interrogar o rapaz e quando este confirmou a sua ingenua pretenção, elle replicou:

— Mas, afinal, quem é o Sr.?

— Sou Miguel Flint, sobrinho do Sr. James Flint, respondeu o rapaz modestamente.

Não foi de menor surpreza a expressão que se desenhou no rosto do impertigado famulo, mas, depois de submetter o visitante a nova inspecção, elle falou, sem que o rapaz suspeitasse da malicia das suas amabilidades:

— Ah! isso é outra coisa; sobrinho do Sr. Flint, isso é outra coisa!... Elle vae ficar muito contente com a sua visita. Espere um pouco que vou annunciar a sua chegada.

— Que! falar a mim, Wilkins? interrogou James Flint, extranhando a insolita ousadia de pretender um mortal qualquer approximar-se da sua olympica pessoa.

— Perdão, senhor, mas elle diz que é seu sobrinho Miguel Flint.

E o importante Sr. James Flint, apezar do enfado que lhe causava a intempestiva apparição do parente da provincia não teve remedio sinão recebel-o.

Devemos declarar aqui, por amor da verdade, que James Flint, que só vira o sobrinho em creança, sentiu-se bem impressionado quando viu deante de si aquelle rapaz em que os modos acanhados e as roupas mal talhadas do provinciano não prejudicavam a bella apparencia do porte e a intelligencia da physionomia.

A expressão de James perdeu um pouco da sua dureza e o rapaz, que, aliás, na sua simplicidade de roceiro pouco se apercebera dos ares importantes do tio, respondeu-lhe com naturalidade. Que vinha fazer elle a New York? Vinha visitar a cidade e si a terra e a gente agradassem, ficaria por ali.

— Numa grande cidade como esta ha mais opportunidade da gente ganhar a vida do que lá na minha terra; não lhe parece?

— Isso depende, respondeu James Flint: para certas pessoas e certos ramos de actividade a cidade é melhor, mas certas pessoas e certos ramos de actividade o campo é o unico logar conveniente.

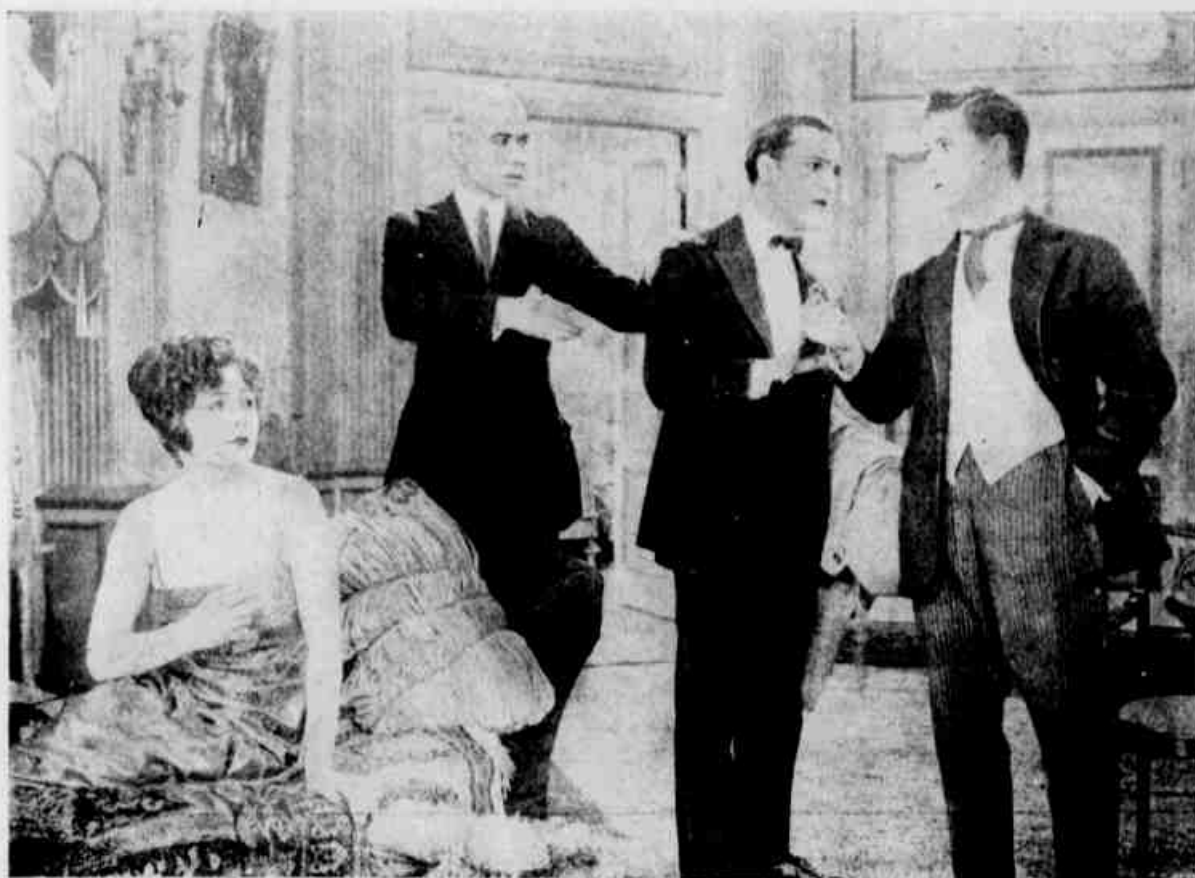
— O Sr. se deu muito bem aqui, meu tio, e assim não comprehendo como póde ter duvidas sobre as vantagens da cidade sobre o campo, retrucou Miguel.

— Sim, dei-me bem, mas eu não vim plantar cebollas e criar bois em New York, tornou James com certa ironia.

— Nem eu tambem teria essa idéa, affirmou o sobrinho.

— Em que pensas te occupar?

Ora, Miguel quando se dirigia para a casa do tio, assistira a uma scena que muito o impressionara: a figura imponente de um *policeman* a dominar o cavallo de um menino que tomara o freio nos dentes e disparara.

A imponencia do homem mettido na

O primeiro acto de Miguel fôra despachar a actriz

sua farda correcta a fazer daquellas bravuras, encheu-o de admiração, e Miguel pensou que si algum dia pudesse envergar uma farda egual, seria o homem mais feliz desta vida. Por isso elle apressou-se em responder ao tio:

— Oh! eu desejaria um trabalho em que pudesse usar um habito uniforme. Flint que estava doido por se ver livre do sobrinho, exultou com a modestia dos seus desejos e prometteu-lhe auxilial-o.

— E' digna de elogios a tua ambição, Miguel, disse-lhe elle. Vê-se bem que queres começar pelo principio. E depois de uma pequena pausa continuou:

— Agora, outro assumpto: penso que seria melhor tomares uma boa pensão que farei meu secretario procurar para ti. Morar aqui não é conveniente. Nada mais nocivo a um rapaz que começa a vida e precisa fazer-se por si, do que um ambiente de luxo como é o desta casa...

...elle havia sido ultimamente apanhado...

Miguel concordou, concordava plenamente com tudo quanto o tio quizesse, e Flint declarou que aquella noite elle dormiria ali e no dia seguinte se cuidaria de sua installação definitiva.

Flint tocou para o criado, deu-lhe algumas instrucções e despediu-se do rapaz, dizendo que tinha um compromisso importante e já se havia demorado de mais.

Não commettemos nenhuma indiscreção, informando que o importante encontro era com a actriz Grace St. Clair, em cujo redil elle havia sido ultimamente apanhado. Miguel passou a noite em casa do opulento tio, e no dia seguinte teve a sua vida regularisada.

O secretario de Flint arranjou-lhe a pensão e o tio recommendou-o a um amigo para a collocação desejada. Não foi pequena a decepção de Miguel ao ver que em vez do dolman azul com braçadeira que elle ambicionava, davam-lhe o uniforme de lona branca da limpeza publica, mas não se rebellou contra a metamorphose e acceitou o trabalho, disposto a abrir o seu caminho na vida.

A principio Miguel viu-se objecto dos motejos dos outros pensionistas, mas bem depressa as suas boas maneiras e o seu espirito solido fizeram comprehender que sob aquelle exterior de provinciano havia um caracter firme e uma viva intelligencia.

De resto elle se adaptava rapidamente aos seus costumes da cidade, e quem primeiro notou isso foi a dona da pensão, que passou a olhal-o com olhos languidos e cheios de promessas embaladoras. Miguel não tardou a experimentar os precalços de preferencia da sua senhoria. O gerente da pensão fôra o seu antecessor no coração ardente de mulher e não se podia conformar com o desthronamento; d'ahi a serie interminavel de picuinhas e hostilidades feitas pelo homem a Miguel.

O rapaz teve ganas de dar uma lição exemplar ao namorado sem ventura, mas a dama da pensão conseguiu applicar-lhe as iras.

A esse tempo, seu tio, cansado de se ver explorado por Mademoiselle Grace St. Clair, resolvera "dar-lhe com o basta" e achou que o meio mais seguro era fazer acreditar a mulher que não era encontrado em parte alguma. Miguel como o seu parente mais proximo recebeu do juiz de ausentes a administração dos bens e metteu-se nas chinellas do tio.

O primeiro acto de Miguel foi despachar a actriz, liquidando a luxuosa installação que o tio lhe dera. Grace desenvolveu todo o poder dos seus attractivos para seduzir o rapaz e fazer com o sobrinho o que havia feito com o tio; mas Miguel mostrou-se insensivel á sereia.

Isso custou-lhe um serio aborrecimento, quando a mulher, despeitada com a noticia do seu futuro casamento com uma tal Ruth Anthony, resolveu cital-o perante os tribunaes por quebra de compromisso.

A senhorita Anthony veiu corajosamente como testemunha em favor de Miguel, mas um tal Chester, typo sem escrupulo da *entourage* de Grace, persuadiu á moça que não lhe ficava bem intrometter-se no pleito e levou-a para fóra do tribunal, conduzindo-a num automovel para uma casa isolada no campo.

Uma vez ali, elle telephonou ao pae de Ruth, dizendo que ella estava doente e pedia a sua presença. O homem accorreu e Chester realisou o que desejava — conservar em seu poder a moça e seu pae, que era corrector e d cujos negocios elle havia recebido certas informações que lhe permittiri-

...para uma casa isolada no campo...

(*Termina no fim da revista*)

A mulher que se enganou

(THE WOMAN WHO FOOLED HERSELF)

Film da Associated Exhibitor's — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Eva Lee	May Allison
Fernando Pennington . .	Robert Ellis
Don Fernando Casablanca	Frank Currier
Cameron Camden. . . .	Robert Shable
Eban Burnham	Louis Dean
O padre	Rafael Arcos
Dona Marie Pennington.	Besse Wharton

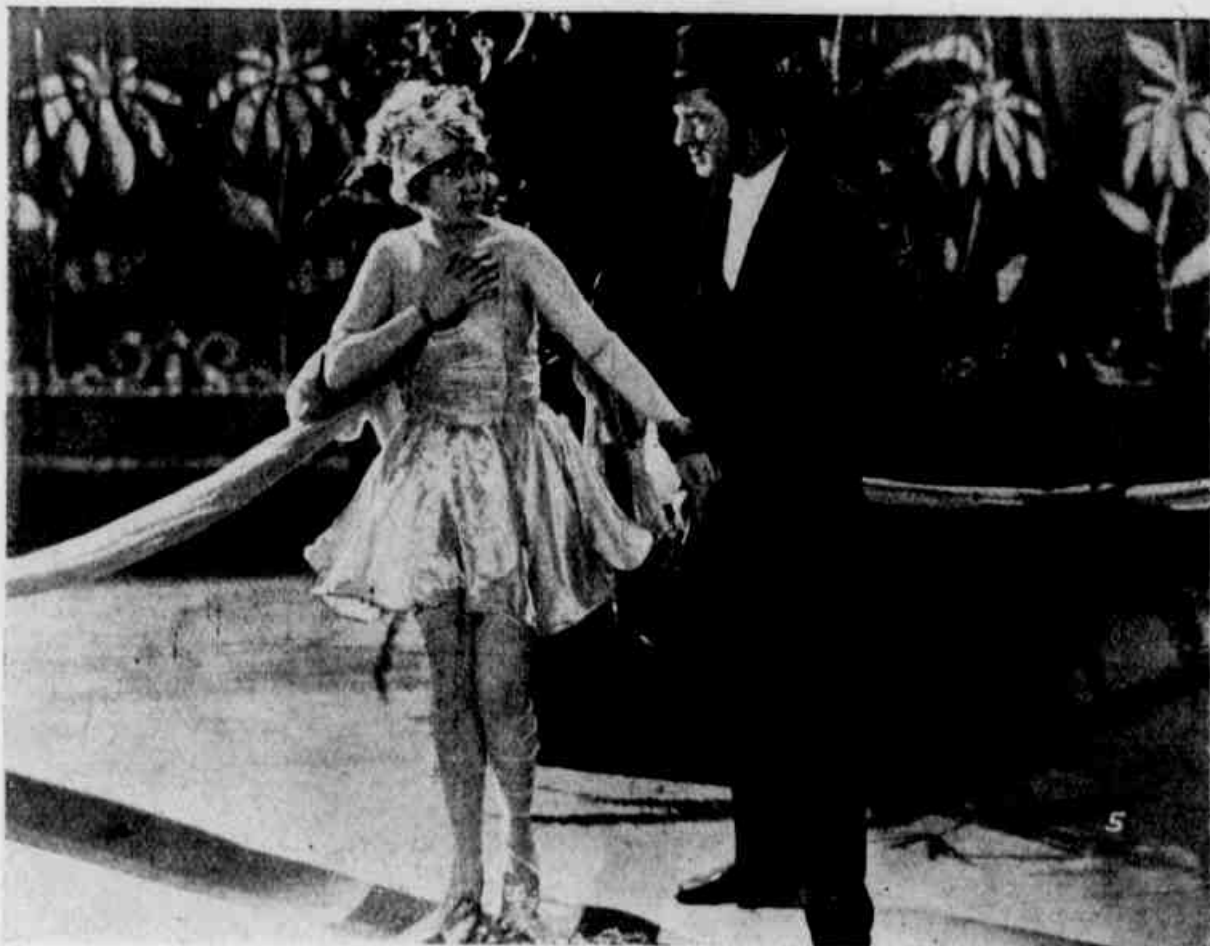
Eva Lee havia perdido o seu contracto no "Variedades" e havia tres mezes que não pagava os alugueis do seu appartamento. Ella sabia que não faltariam em New York muitos homens ricos que acudiriam ao seu primeiro aceno, mas faltava-lhe *emboccadura* para isso. Assim, no dia em que o acaso a poz deante de Cameron Camden, seu conhecido de longa data, já a sua ultima joia dormia descançadamente no "prego".

— E' o céo que te envia, — disse Cameron, pegando-lhe no braço quando ella passava pela Broadway. — Tenho andado atraz de ti como doente atraz de saude, mas, com os diabos! pareces uma agulha em palheiro!

E convidando-a para "cearem" qualquer coisa emquanto conversavam, Cameron levou-a ao Café Paris, com intima satisfação de Eva, que não andava em tempos de recusar um jantar.

Confortavelmente installados, Cameron iniciou a palestra, indo, sem grandes *retours*, ao assumpto.

Sabia que ella andava sem trabalho naquelle momento e tinha uma proposta a fazer-lhe.

Tanto pela necessidade de ganhar a vida como levada pela curiosidade de saber os planos em gestação no cerebro daquelle *passaro*, que ella conhecia muito bem, Eva promptificou-se a ouvir a proposta.

...atravessou o espaço reservado aos dansarinos...

O que Cameron desejava era simples: elle e um tal Eban Burnham haviam incorporado uma empreza no Equador, que operava com grande exito; já possuiam grandes extensões de terras, quatro vapores, alguns milhares de kilometros de estradas de ferro, e, ao lado de tudo isso, como contrapeso, o "Café Eldorado"! Ultimamente, disputavam a posse de um importante trato de terra, mas os proprietarios, o velho Don Fernando Casablanca e seu neto, o joven Fernando Pennington, nem á mão de Deus Padre, queriam ceder a sua propriedade. Era, portanto, necessario descobrir um meio de vencer a resistencia do velho descendente castelhano e de seu neto, em cujas veias corria sangue americano do norte. Ora, elle, Cameron, lembrara-se, pois, de Eva Lee, como a força capaz de dobrar a teimosia, exercendo a sua influencia sobre o joven. Ella se contractaria para numeros de dança e de cançonetas no Café Eldorado, o joven Pennington vel-a-ia e, certo como tres e dois são cinco, se apaixonaria por ella! Ah! isso se apaixonaria, elle jurava! Ella o induziria a dar a Cameron e a seu socio uma opção de terras e... o passe estava feito.

Eva ouviu toda a historia apenas com algumas breves interrupções, e depois observou:

— Sim, o passe está feito para ti, e para mim?

— Oh! não te dê isso cuidado, — replicou o homem. — Tu ganhavas no "Variedades" cem dollars por semana, commigo receberás cento e cincoenta e uma commissão quando obtivermos o negocio.

Pennington amparou-a nos braços e...

Eva meditou um pouco e, em seguida, desfiou um longo rosario de argumentos e razões para dizer que o negocio não lhe convinha. Não lhe convinha porque não iria sahir de New York para uma especie de terra onde o diabo perdeu as botas, pela miseria de cento e cincoenta dollars por semana; não lhe convinha porque não acreditava na generosidade de Cameron quando chegasse a hora de recompensar os seus serviços; não lhe convinha, finalmente, porque achava pouco limpo aqulle negocio de ludibriar uma creatura naquillo que o ente humano tem de mais puro e elevado. Não, decididamente a coisa não lhe quadrava.

Cameron viu o negocio mal parado, e voltou á carga com maior eloquencia.

Ella estava encarando a coisa por um falso prisma; que diabo! tratava-se de um negocio a que ella se associaria para ganhar cinco mil dollars. De resto, não se cogitava de ludibriar ninguem, era um simples negocio em que o amor podia entrar.

Eva Lee, cuja situação, naquelle momento, não era de natureza a sustentar principios de apurada moralidade, acabou acceitando a proposta, sob a condição de Cameron reduzil-a a preto no branco, deante do tabellião.

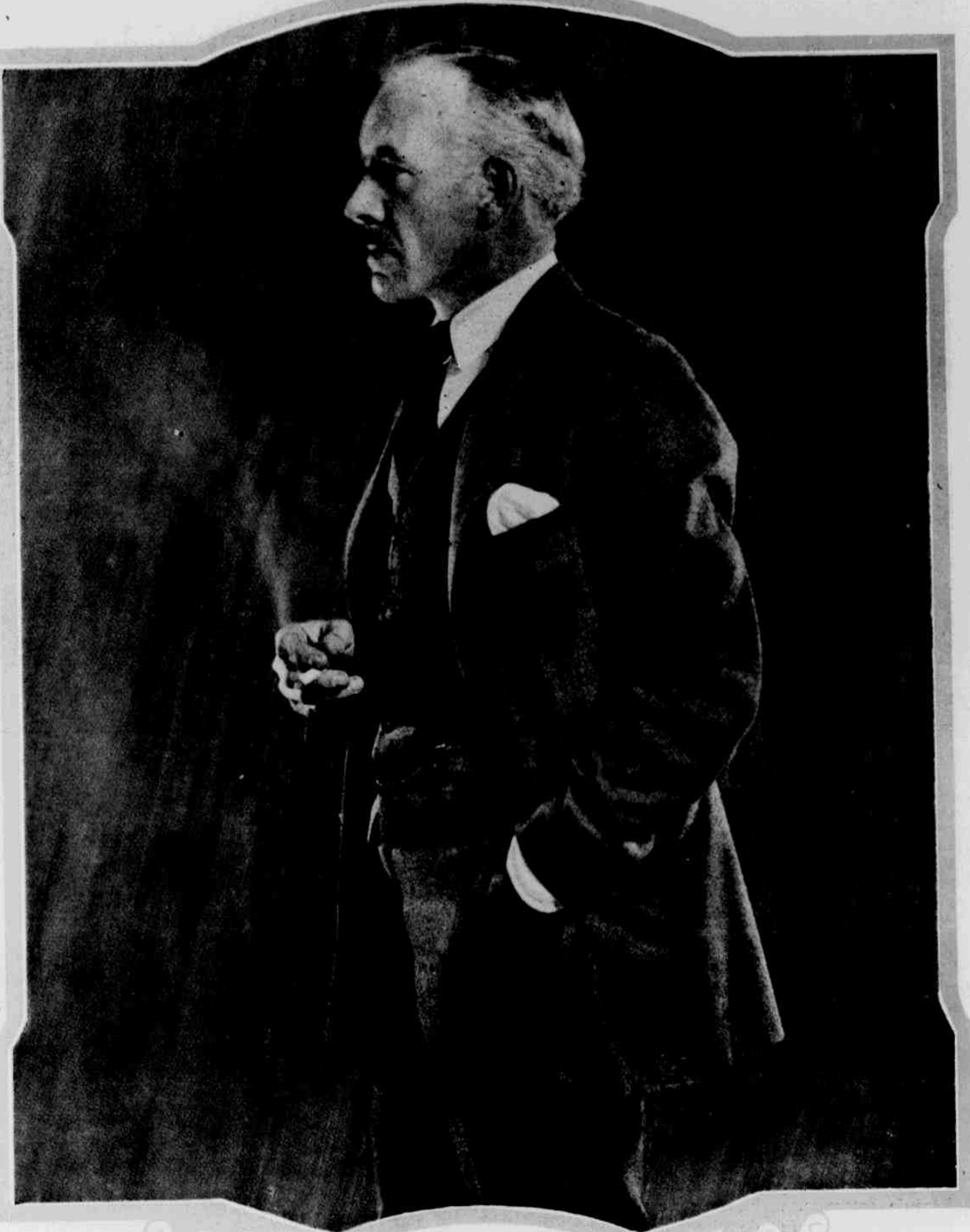
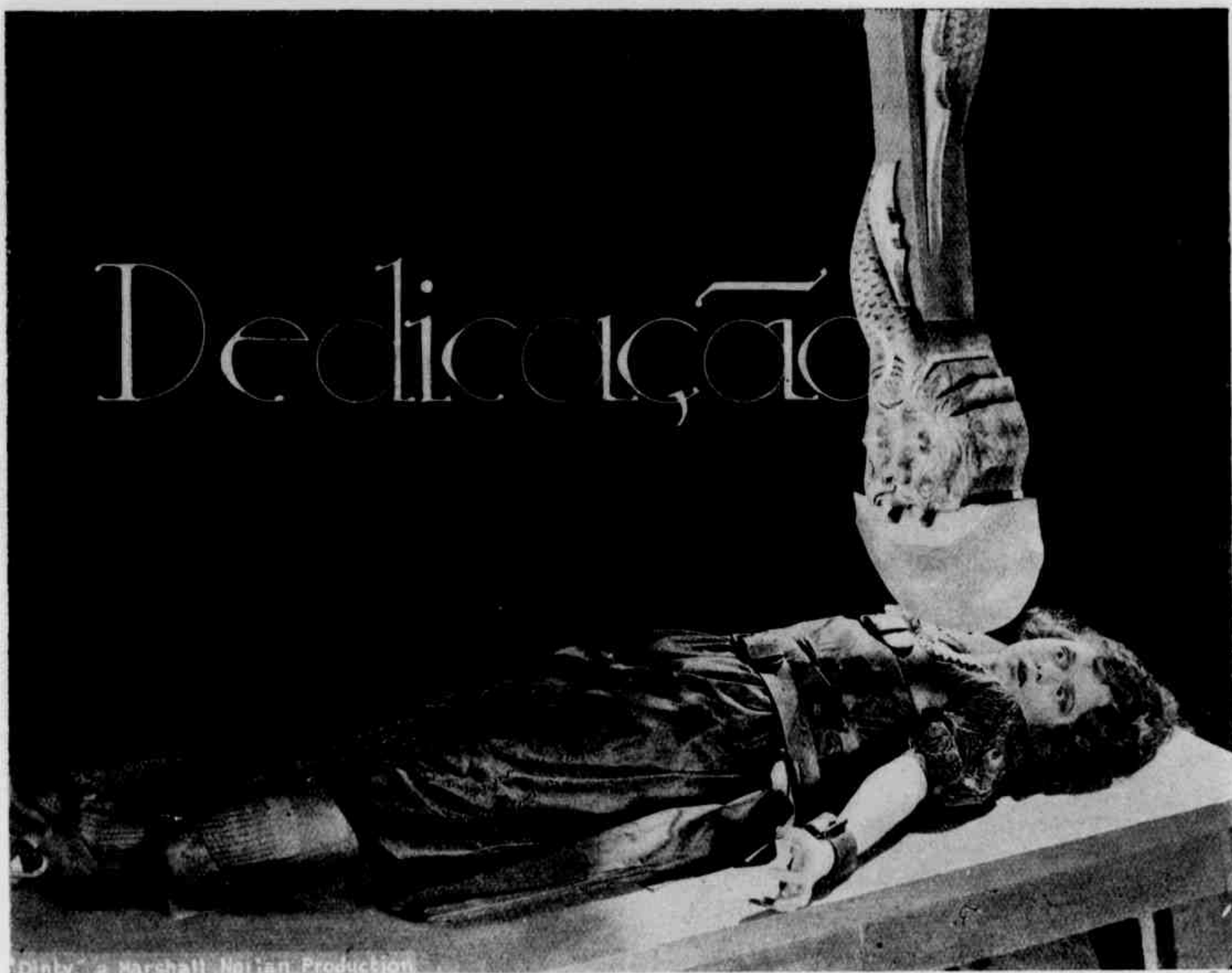
Dois dias após a sua chegada ao logar de destino, Eva tinha o seu primeiro encontro com o joven Pennington, em plena rua, e era, acto continuo, conduzida ao seu hotel no carro do rapaz, a quem ella havia solicitado que lhe indicasse o caminho. Nessa mesma noite ella estreava, precedida de uma retumbante reclame, e lá estavam Pennington e seu avô, abancados a uma mesa do Café Eldorado.

Pennington, que do seu ligeiro contacto com a actriz durante o dia sahira literalmente rendido aos seus encantos, era dos que, vehemente, applaudiam o numero executado, aliás com habilidade notavel, pela artista estreante. "A dança do elmo de ouro" foi bisada e, quando executava a ultima pirueta, Eva fez por se achar junto da mesa do rapaz e fingir-se accomettida de uma syncope.

O chicote descreveu um circulo...

(Termina no fim da revista)

LEWIS STONE

Dedicação

(D I N T Y) — *Film da First National, lançado em 1920 e dirigido por Marshall Neilan*

DISTRIBUIÇÃO:

Dinty O'Sull'van . .	WESLEY BARRY
Doreen O'Sullivan . .	COLLEEN MOORE
Danny	Tom Danrery
Juiz Whitley	J. Barney Sherry
Ruth	Marjorie Daw
Jack North	Pat O'Malley
Dorck	Noah Beery
Leri Sung	Walter Chung
Mrs. O'Toole. . . .	Kate Price
Barry Flynn	Tom W lson
A esposa de Dorck .	Julia Faye

OPINIÕES DA CRITICA

Um film para qualquer especie de publico. Ao todo, agrada e interessa.

Moving Picture World.

Melodramatico e sentimental.

Motion Picture News.

E' uma historia regular, porém repleta de interesse, melodrama e os inimitaveis retoques de direcção de Marshall Neilan.

Exhibitor's Herald.

A ultima producção de Marshall Neilan tem trechos de boa comedia, emociona, agrada, impressiona, arrebata e é um film esplendido.

Exhibitor's Trade Review.

Uma historia para meninos, bem contada.

Wid's.

O delegado do 3º Districto estava acostumado a lidar com esses especimens da vadiagem que infestava o quarteirão, por isso mesmo achava nos olhinhos azues e cheios de irrequieta vivacidade do pequeno Dinty qualquer coisa que o tornava differente da legião de pobres creanças abandonadas á miseria e aos vicios das grandes cidades. E por isso mes-

...quando Doreen veiu ao encontro do marido...

SALVAÇÃO

(SALVAGE)

Film da Robertson Cole, lançado em 1921 e dirigido por Henry King

DISTRIBUIÇÃO

Berenice Ridgeway	Pauline Frederick
Kate Martin	Pauline Frederick
Cyrus Ridgeway	Ralph Lewis
Tessie, a creada	Rose Cade
Fred Martin	Milton Sills
Ruth Martin	Helen Stone
O aleijado	Raymond Hatton
A creança	Hobart Kelly

OPINIÕES DA CRITICA

Pauline Frederick esplendida no papel de mãe. — *Wid's.*

Film mais ingenuo do que emocionante. Comtudo, dá occasião a Pauline Frederick dar-nos um bello trabalho num duplo papel. — *Moving Picture World.*

Foi a arte de Pauline Frederick que fez desta historia ordinaria um film regular. — *Exhibitor's Trade Review.*

Film tendo como thema o amor de mãe, com muitas scenas emocionantes e trechos de comedia para salvar a sua fraqueza. — *Exhibitor's Herald.*

— E sobretudo não te esqueças que és a mulher de Cyrus Ridgeway.

Berenice ergueu os olhos para o marido, admirada da observação feita justamente quando estavam para chegar os convidados, aos quaes o marido ia apresental-a. Mas embora casada ha um anno apenas, ella já tivera tempo de aprender duas coisas: primeiro, que semelhantes expressões eram uma especie de cacoete do marido; segundo, que a divindade directora de todos os pensamentos e obras era o todo poderoso dollar.

Cyrus Ridgeway viera de garoto das ruas á posição de potencia financeira, conquistando o terreno palmo a palmo e á custa de muito esforço e muita pena, honra lhe seja feita. Satisfeita a sua ambição de ouro, de supremacia financeira, elle começou a sentir que lhe faltava qualquer coisa na vida e casou-se. Mas com surpresa de quantos o conheciam, Ridgeway, cuja fortuna o tornava um partido disputado pelas mais ricas herdeiras da terra, preferiu ir buscar para companheira do seu lar uma rapariga pobre de uma localidade visinha. Foi, portanto, com grande satisfação que o pequeno circulo de amigos recebeu o convite para aquelle primeiro jantar, que Ridgeway lhes offerecia ao regressar da sua viagem de nupcias e com o qual lhes satisfaria a curiosidade de conhecerem a joven esposa.

A recepção correu animada e Berenice revelou-se aos seus convivas por maneiras e trato que deixaram em todos uma excellente impressão daquelle primero contacto. Ella teria conservado tambem a melhor recordação dessa noite de estréa na sociedade do marido se não lhe ficassem a martellar nos ouvidos os conceitos emittidos por Cyrus Ridgeway, na presença de todos, com aquelle ar de presumpção que lhe caracterisava a personalidade. O casamento, declarara elle, não era mais do que a preoccupação da pertuação do nome da familia e o nome de Ridgeway não era coisa que se deixasse extinguir. "Eis o que será para mim o casamento: perpertuar o nome de Ridgeway !" Mas, afinal, um filho seria, por isso mesmo, o mais precioso de todos os bens. Berenice sentiu com alegria approximar-se a almejada felicidade, e os amigos de Ridgeway com-

...se entregava ao vicio de drogas...

mentavam a sua proxima ventura, quando lhe nascesse o herdeiro, porque todos estavam certos de que seria um filho. Pois não era o que desejava o rico e todo poderoso homem ? Por que não se curvaria a natureza aos seus caprichos ? E, effectivamente, a natureza foi obediente á vontade de Ridgeway, dando um filho varão, mas... o medico que assistiu á laboriosa maternidade da mulher, ao satisfazer a curiosidade do pae, annunciando-lhe o sexo masculino do rebento, accrescentou:

— A natureza ás vezes mostra-se cruel ao trazer-nos a dadivas do Ceu... Seu filho é aleijado e nunca poderá andar.

Essa hypothese jámais entrara nas cogitações do orgulhoso homem, e a noticia do medico deixou-o como fulminado. O facultativo recommendou-lhe que pelo amor de Deus não deixasse a mulher desconfiar do que se passava, pois o seu estado era melindroso. E, abatido e cabisbaixo, Ridgeway deixou-se cahir numa cadeira.

Cinco minutos depois como a enfermeira passasse no aposento, elle fel-a parar e disse-lhe, ex-abrupto:

— A senhora é uma enfermeira de profissão e vae responder-me: não seria melhor deixar morrer uma creança aleijada ? Não é questão de dinheiro; o que eu quero deve ser feito !

Quando no dia seguinte Berenice sahiu do estado de inconsciencia em que estivera e perguntou pelo seu filho, a enfermeira informou-a de que o "haviam levado". O golpe era rude demais para o seu combalido organismo, e durante muitos dias os medicos desesperaram de salval-a. Mas a sua natureza resistiu e alguns mezes depois ella regressava ao lar da viagem que fizera para se restabelecer. As forças mysteriosas do destino, no emtanto, pareciam vigilantes no entretecimento do seu calvario: justamente no momento em que ella, apeando-se do automovel, se encaminhava para a porta, encontrou Maria, uma das suas creadas, que acabava de ser despedida pelo seu patrão, por ter sido surprehendida a espiar pelo buraco da fechadura de um quarto fechado com prohibição expressa de Ridgeway de ser devassado

— Ah ! commigo fia mais fino ! ameaçou ella.

E communicando á sua patroa a sua despedida, Maria narrou-lhe o que surprehendera entre Ridgeway e a enfermeira na noite do parto.

Nessa mesma noite Berenice, ao jantar, não poude reter o que lhe comprimia o coração:

— Pela ultima vez, Cyrus, peço-te que me informes a respeito do meu filho !

Ridgeway cortou em tom brusco a possibilidade de qualquer explicação sobre o assumpto.

A esposa não insistiu, porém, mais tarde quando elle foi ao seu quarto no intuito de attenuar os effeitos da sua irascibilidade, em logar da esposa, elle encontrou um bilhete pregado no travesseiro:

"Não ha necessidade de explicações, leu elle, agora que tu sabes que odeio o teu nome e que espero nunca mais ver-te."

E numa casa de commodos do mais miseravel bairro da cidade, Berenice

pobre creança abandonada: e Berenice, cheia de grande piedade e tomada de sympathia, constituiu-se guarda da pequena quando a mãe partia na sua ronda demente atraz das drogas. A pobresinha mostrava o seu reconhecimento aos carinhos da boa dama, perguntando-lhe com enternecedora ingenuidade por que razão Berenice não era sua mãe, e Berenice afogava a sua emoção nos beijos com que cobria o desditoso entesinho.

Uma manhã a Sra. Martin sahiu e o dia passou-se, e a noite veiu sem que ella voltasse. Berenice levou a pequena

A genial actriz Pauline Frederick, que interpreta o duplo papel de Berenice Ridgeway e Kate Martin.

procurou reatar o fio da sua vida. Havia ali muitos infelizes necessitados de conforto e isso a distrahia emquanto durassem os parcos recursos que ella trouxera comsigo. Quando elles se exgottassem ella procuraria trabalho.

Dentre os mais desventurados daquelle meio, ninguem, por certo, mais do que Kate, a mãe da pequena Ruth Martin, que morava no quarto fronteiro ao seu. Essa desgraçada mulher, que nas suas crises de desanimo se entregava ao vicio das drogas, ausentava-se diariamente de casa, deixando a Ruth para o seu quarto. Despindo-a, notava o seu corpinho tauxeado de ecchymoses, e a menina contava-lhe que aquillo era sua mãe quem fazia quando lhe batia para obrigal-a a ir pedir dinheiro aos outros.

Os olhos de Berenice inundaram-se de lagrimas e deitando-se com a creança aconchegada ao peito, ella revoltava-se contra a injustiça da sorte que dava um filho áquella mulher sem entranhas e deixava vasios os seus braços e o seu coração transbordante de carinho.

Na manhã seguinte, Kate appareceu mais pallida e mais derreada que de costume. Berenice comprehendeu todo o horror daquella miseravel existencia, quando a mulher lhe confessou, pedindo-lhe perdão, que na noite anterior havia roubado todo o seu dinheiro. Vira-o onde ella o guardava debaixo do colchão e sob o impulso da sua paixão subtrahira-o. Berenice, apiedada, consolou-a; que não tinha importancia, procurasse emendar-se e ambas venceriam todas as difficuldades por amor da pequenina Ruth. E tomando comsigo a menina, Berenice dirigiu-se para o quarto da pobre mulher, onde se entregou ao trabalho de pôr um pouco de ordem naquelle interior desleixado.

A Sra. Martin ficara no quarto de Berenice, e não havia passado muito tempo, quando se ouviu uma detonação e gente a correr para o seu aposento. Berenice precipitou-se para deparar com o triste quadro da mãe de Ruth estirada no chão, tendo junto de si o seu revólver.

— Quem móra neste quarto? indagou o policial.

— Berenice Ridgeway, informou uma voz.

E com esta resposta Berenice perdeu a sua propria identidade para assumir a da mulher morta, Kate Martin, com a sua preciosa herança.

Uma breve noticia de jornal lançou, com grande allivio para Cyrus Ridgeway, o ultimo pé de cal sobre o nome de Berenice Ridgeway.

Agora Ruth era a principal razão da vida de Berenice. Dedicando os seus desvellos maternaes áquella creança, ella recordava-se dos dias de anciedade e esperança em que esperava o seu proprio filho, e entre todos os detalhes do ditoso tempo veiu-lhe á memoria aquelle cofrezinho em que ella começara a accumular economias para o filho que se annunciava.

E nessa mesma noite, Cyrus Ridgeway, vendo luz no quarto interdictado á esposa, gritou pelo creado, dizendo que havia gatuno em casa.

— Não, meu senhor, não é gatuno, é a alma da Sra. Ridgeway! Eu a vi lá dentro!

A historia do creado e a caixa de joias vasia disseram o sufficiente a Ridgeway, para que elle desconfiasse que sua mulher ainda vivia. Alguns mezes após a morte de Kate Martin, Berenice recebia a visita de um senhor que indagava pela defunta.

— Kate Martin sou eu, respondeu ella.

E o homem informou-a de que queria falar ao marido.

— Mas meu marido morreu!

— Mas não ha um filho?

— Sim, Ruth, ella está brincando lá fóra.

O estrangeiro agradeceu e despediu-se deixando Berenice alarmada.

Quem era aquelle homem, que pretendia elle?

(*Termina no fim da revista*)

NA ALTA RODA

(AMONG THOSE PRESENT)

Film da Rolin-Pathé N. Y.
Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Seu pae........	James Kelly
Sua mãe........	Aggie Herring
A pequena......	Mildred Davis
O rapaz........	Harold Lloyd

Harold, simples lacaio num grande hotel de New York, adorava vestir-se com as cartolas e sobretudos que lhe eram entregues pelos hospedes, e assim vangloriar-se imitando o *smartismo* dos proprietarios.

Ora, uma dama cujo marido tivera a ventura de enriquecer vendendo alfinetes de fraldas, mettera na cabeça de deslumbrar os povos com as suas relações mundanas, e não perdia opportunidade para fazer figurar seu nome em todos os noticiarios dos jornaes na secção de *Echos de festas e salões.*

Em tudo porfiava para imitar as maneiras, *toilettes*, faceirices do que se lhe parecia *up-to-date*, e montara a casa num luxo de pessimo gosto, sem nunca ter percebido quanto ridiculo se tornara. O marido, assim como a gentilissima filha, não liam pela mesma cartilha, e não haviam abandonado certos usos e costumes populares, bem

... é aceito como noivo!

... a velha ao quinto potencial do desespero.

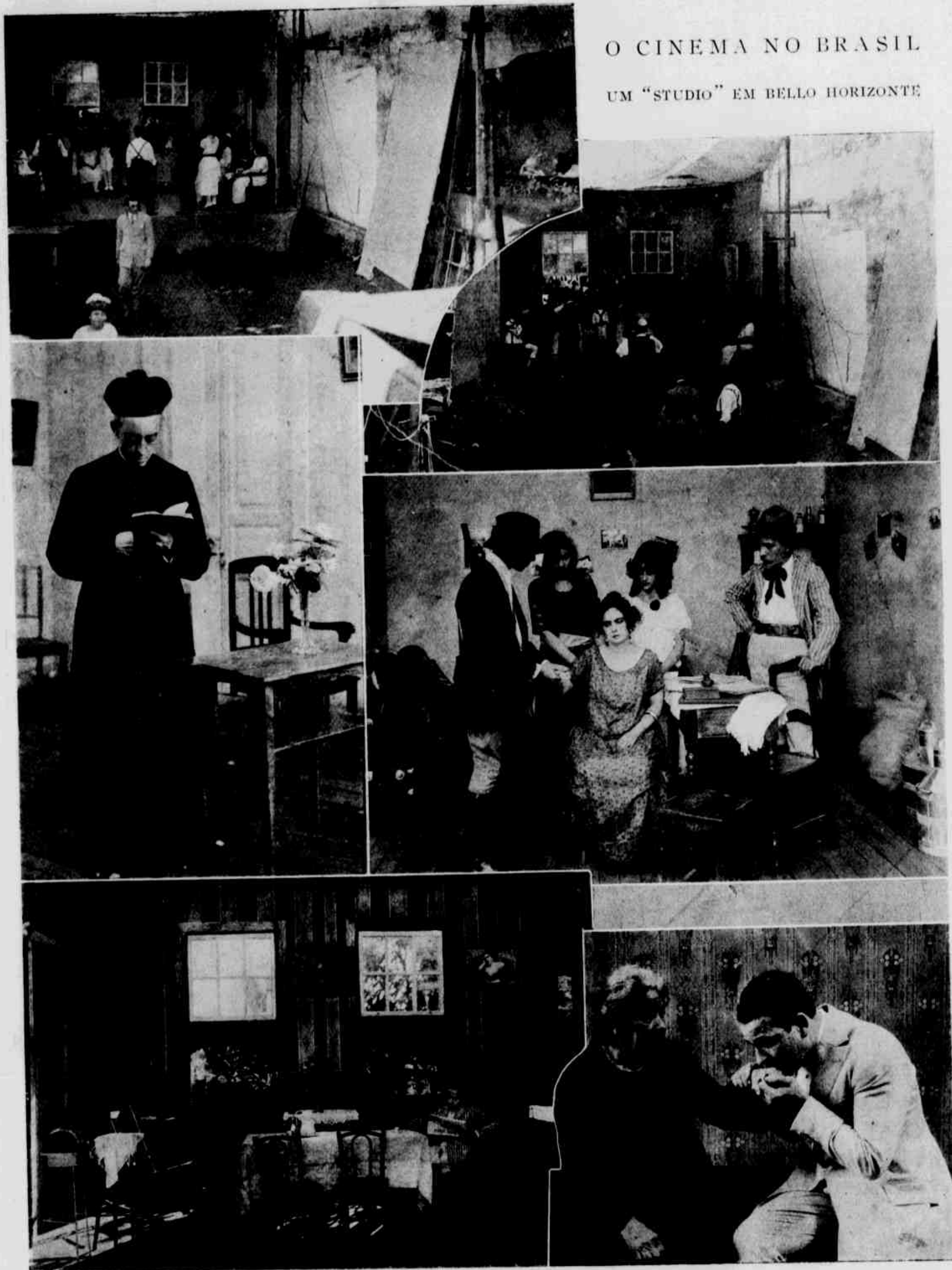
notaveis na gente operaria, o que elevava a velha ao quinto potencial do desespero.

Nas informações mundanas daquelle dia lê-se que chegará de Londres Lord Abernom d'Abonwild, celeberrimo pelas suas fidalgas maneiras, proezas de caça e comprovada elegancia. O illustre viajante estava hospedado no Carlton Hotel; tornava-se indispensavel a sua presença para maior brilho da reunião semanal dos *novos ricos.* Encarrega-se de obter o comparecimento do aristocrata inglez um quidam que cubiçava casamento com a "pequena", e prestava-se ás exigencias adoidadas da velha.

Ora, como o legitimo Lord é inabordavel, o esperto aspirante a genro resolve transformar o lacaio do Carlton Hotel, nosso amigo Harold, em Lord.

(*Termina no fim da revista*)

O CINEMA NO BRASIL

UM "STUDIO" EM BELLO HORIZONTE

Scenas do film extrahido da comedia Canção da Primavera, *de Annibal Mattos. Interpretam os personagens os artistas do Theatro Pequeno, de Bello Horizonte. São autores do bello film os Srs. Bonfioli e Segur.*

PRECIOSO AUTOGRAPHO DA SENHORITA

ZÉZÉ LEONE

A RAINHA DA BELLEZA BRASILEIRA

N A
M U L H E R
A
B E L L E Z A

A saude é a base da belleza. As senhoras que desejam conservar a saude e a belleza devem usar de tempos a tempos alguns vidros de "BIOTONICO FONTOURA", que purifica e enriquece o sangue de globulos vermelhos; tonifica o systema nervoso e regularisa todas as funcções do organismo, d'onde resulta o perfeito estado de saude que se reflecte nas bellas côres das faces e na boa disposição para o trabalho e para o convivio social.

O "BIOTONICO" é um elixir de gosto delicioso, é um verdadeiro thesouro para o bello sexo, é o conservador da saude e da belleza, o prolongamento da mocidade.

N O
H O M E M
O
V I G O R

Antes da descoberta do "BIOTONICO FONTOURA" não era facil encontrar-se um preparado que reunisse os elementos capazes de fazer readquirir completa energia ao organismo gasto e enfraquecido.

Depois de longos estudos e minuciosas experiencias chegou-se á composição da formula verdadeiramente racional e scientifica deste preparado cujo nome significa tonico da vida.

Este remedio desperta, estimula e normalisa todas as funcções da vida, fortifica o sangue, os nervos, os musculos, regularisa o funccionamento de todos os orgãos do corpo humano.

FOOTINGAÇÕES

Na Avenida, como em sonho
de morphina, de opio, de
cocaina, os olhos ponho
na gente que passa, ali...

Filigranadas silhuetas,
Salomés de Aubrey... E tudo
nas pedras brancas e pretas
vae, como sobre velludo...

Esta é a Beata de Rossetti,
esta outra um Moreau... E assim
de Benito e Mistinguetti
desfilam, tontos, por mim...

Aonde vão? de onde surgiram?
do céo, do mar? Vêm, de certo,
de um paiz que nunca viram
nem de longe, nem de perto...

Porque vêm de um sonho... Apenas
de um sonho... Dormir... sonhar...
E vão lindas e serenas
para a paciencia do Alvear...

No Alvear. Don Olegario
por entre as mesas, passeia...
Olha tudo... Elle é tão vario
com os seus castellos na areia...

Lindo poeta, alma bizarra
que voa de flor em flor...
— Ah! leviana que és, cigarra!
pensa mais no teu amor.

Que é daquella rara e pouca
felicidade de outr'ora?
— Por que não cala essa bocca
minha estourada senhora?

Parece que a tarde veio
desde cedo, de manhã,
para ver, tonta de enleio,
Berenice e Myrian...

E Sylvia e Vera Mattoso,
Olga Braga e Carmen Roxo...
(apanha-se um mentiroso
mais depressa de que a um coxo...)

Porque aquella é Elza Fernanda
e a outra Isolina Falcão
com Irene Neri, Wanda
e Mary Soares Brandão.

Figuras de ouro, encantadas
borboletas de ouro-galde
do meu sonho... Estylisadas
como o cravo de Oscar Wilde!

Na tarde clara, passaram...
Nenhuma dellas me olhou.
Meus olhos, como ficaram!
E a tarde, como ficou!

OX.

Diz-se que quando em Los Angeles se filmava *O lyrio partido*, na scena culminante do film, quando a pequena martyr encerrada no estreito cubiculo pranteia em altas vozes, proxima á loucura, os curiosos se agglomeraram á porta do *studio* e quasi o invadiram ouvindo a voz de Lillian Gish, tremula, angustiada, implorativa, dilacerante, a alternar com o tom abarytonado do grande director dictando os movimentos. E quantos viram esse film immortal devem reconhecer nessa scena uma das obras primas da cinematographia.

Mae Marsh tem a mesma impressionabilidade de Lillian Gish. Dessas duas artistas se serviu Griffith, sempre arrancando-lhes sentimentos como sons difluem do violino que a aspereza do arco fére de leve. Já Carol Dempster, outra de suas *estrellas*, era mais rebelde á invocação dos seus sentimentos. Em *The girl who stayed at home* foi necessario trabalhar das onze ás cinco horas para obter que a artista correspondesse á espectativa do director de scena.

Essas são extremamente fatigantes para o artista. Depois de uma dellas seus nervos vibrantes carecem de um longo repouso.

Mary Pickford affirma que "lagrimas de glycerina e moeda falsa vem tudo a dar no mesmo". "Fingir que chora é illudir o publico", é outra de suas affirmações.

Em *Stella Maris* todas as suas emoções foram despertadas pelo violino, interpretando a elegia de Massenet.

Pola Negri usa piano e violoncello em seu trabalho. Tscharkowsky, Beethoven, Wagner ás vezes. O famoso preludio de Rachmanioff é das suas musicas predilectas. Em *Bella Donna*, uma das scenas culminantes foi realisada ao som de *Lamentação*, de Grieg.

William Desmond Taylor, o mallogrado director de scena, dirigindo uma scena espera que Mary Alden "chegue ao ponto" da commoção.

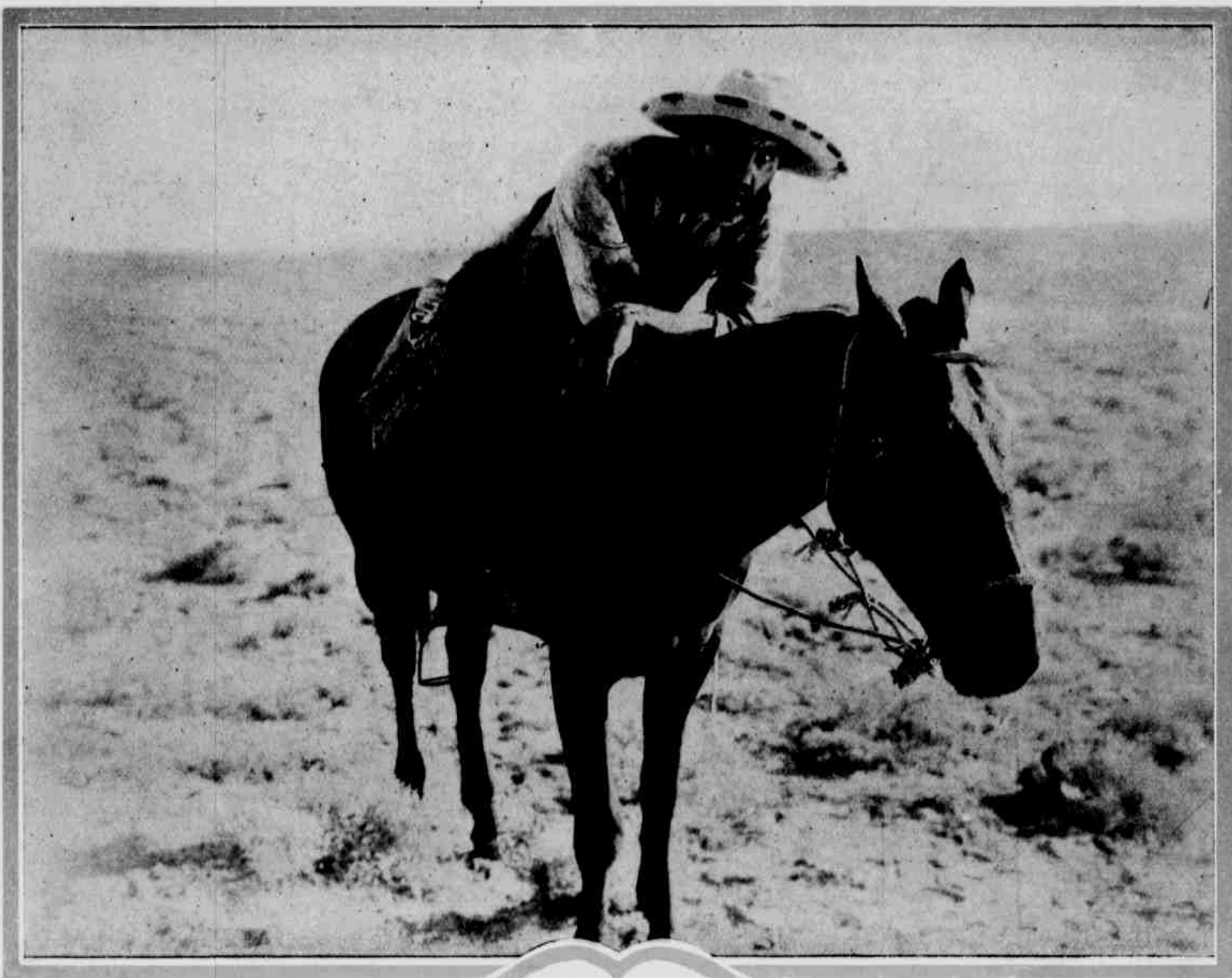
May Mc Avoy é das que se commovem mais naturalmente...

Norma Talmadge nas scenas de ternura usa musica tambem, mas affirma que o faz por habito, porque outros o fazem, não porque lhe seja necessaria, pois que a musica longe de lhe despertar os sentimentos a que é destinada, antes a distrae. Para emittir lagrimas basta que se concentre, compenetrando-se da necessidade da situação.

As lagrimas de Alice Terry são custosas. A's vezes seu director e marido, Rex Ingram, precisa trabalhar dois dias a fio para ella chegar *ao ponto* emotivo desejado.

Larry Trimble conta uma historia curiosa acerca da scena de lagrimas de Ruby de Remer em *The auction block*. Essa artista é rebelde á effusão lacrimal, de sorte que Trimble recommendou á roupeira do *studio* que lhe fornecesse um par de sapatos bem apertados. Fel-a trabalhar o dia inteiro, andando daqui para ali, dali para acolá, e quando ás 11 horas da noite collocou-a no quarto, sentada á beira do leito para proferir a phrase referente ao marido "Ai ! Já não posso mais !" foi com lagrimas verdadeiras que Ruby a proferiu, mas com referencia aos seus pobres pés martyrisados.

As lagrimas na creança são obtidas com mais facilidade : na photographia junta, entre sorrisos, deixa entrever as lagrimas.

Nos *studios* da California foi Geraldine Farrar que introduziu a musica, quando filmava a *Carmen* com o mallogrado Wallace Reid, fazendo executar trechos da opera de Bizet. Quando filmou *Joanna d'Arc*, foi a *Mar-*

ERNEST TORRANCE

no film

The covered wagon, *da Paramount.*

selheza o thema musical preferido nas scenas guerreiras e nas amorosas *The lilac*, de Charles Gardner. As velhas canções populares foram muito utilisadas por William Hart em suas scenas emotivas. Theda Bara prefere como instrumento a harpa, quando trabalha.

Marshall Neilan, que é um musico de primeira ordem, gosta de empregar as melodias entre os seus processos de direcção, e muitas vezes elle proprio as executa ao piano. Assim Rupert Hughes, que é tambem excellente pianista.

☆ ☆ ☆

Barney Bernard, Alexander Carr e Vera Gordon devem apparecer no film de Samuel Goldwyn, *Potash and Perlmulter*, a primeira producção que elle fará para a First National.

☆ ☆ ☆

A primeira producção de George Fitzmaurice para a First National será *A cidade eterna*, de Hall Caine, com Montagu Love, Barbara La Marr e talvez Conway Tearle.

☆ ☆ ☆

The Bright Shawl, o ultimo trabalho cinematographico de Richard Barthelmess, foi enthusiasticamente acolhido pela critica norte-americana.

☆ ☆ ☆

Barbara La Marr, Harry Myers, Ernest Torrance, Tully Marshall, Clarissa Selwynn, Ford Sterling, Aggie Herring, Charlotte Merrian e Edward Jobson figuram no film da First National, *Brass Bottle*. Maurice Tourneur dirige e apparece em um papel episodico.

☆ ☆ ☆

E' a seguinte a distribuição de *Trilby*, da First National, dirigido por Walton Tully: *Trilby*, Andrée Lafayette; *Little Billie*, Creighton Hale; *Svengali*, Arthur Edward Carew; *Taffy*, Philo Mc Cullough; *Laird*, Wilfred Lucas; *Gecko*, Francis Mc Donald; *Zuzu*, Maurice Canon; *A Sra. Vinnard*, Martha Franklin; *Dodor*, Max Constant; *Durien*, Gordon Mullen, etc.

☆ ☆ ☆

O casamento de Marjorie Daw e Eddie Sutherland, que em tempos noticiámos, foi realisado na casa de Douglas Fairbanks.

☆ ☆ ☆

Ashes of Vengeance, o novo film de Norma Talmadge, tem dez rolos, ou partes. Passa-se a acção no tempo de Carlos IX, entrando em scena o S. Bartholomeu como em um dos episodios de *Intolerancia*, de Griffith. Conway Tearle, Jack Mulhall e Wallace Beery tomam parte nessa producção da First National.

☆ ☆ ☆

Lynn Reynolds, que foi director da Fox, Universal e Triangle, acaba de ser contractado pela First National. Seu primeiro film para essa marca será *The Huntress*. Foi director de varios films de Tom Mix e W. Farnum.

A CAPELLA DA VINGANÇA

Henry Durand era um doente do ciume. Isso explica a razão por que a vida de sua joven e formosa esposa, Marion, era uma especie de purgatorio, muito embora ella, além de realmente ser o modelo das esposas, tudo fizesse para evitar as crises na enfermidade de sue marido. Durand, que desconfiava da propria sombra, concentra actualmente o seu ciume no trio Tabby Livingston, capitão Trevier e Lafarge. O primeiro era um gorducho inoffensivo, o segundo um *gentleman* incapaz de uma acção menos digna; só o terceiro constituia realmente uma ameaça, se Marion não fosse um espirito fundamentalmente honesto. Lafarge, entretanto, não perdia as esperanças de ver um dia os seus designios satisfeitos e procurava uma occasião de compromettar irremediavelmente Marion, afim de separal-a do marido — tarefa que lhe não parecia difficil, deante do estado morbido que o ciume despertava no espirito de Durand. Não foi, portanto, senão um pequeno desenvolvimento de taes planos o incidente do monoculo de Lafarge engastado nos cabellos de Marion, ao seguir-se uma das costumadas scenas de ciume.

Como das outras vezes, Marion conseguiu acalmar a exaltação do esposo, não, entretanto, sem prevenil-o de que aquella seria a ultima. Durand sentiu na ameaça da mulher a que graves consequencias poderiam levar as suas estupidas desconfianças. Procurando reparar a sua falta e reconquistar as boas graças da esposa, elle preparou em honra della uma esplendida festa, e tudo teria corrido magnificamente, sem as machinações de Lafarge, que viu na chegada de Tom Franklyn, joven explorador americano, uma opportunidade para conseguir definitivamente os seus inconfessaveis fins.

Franklyn conhecera Marion havia alguns annos em New York e vira por ella correspondido o profundo affecto que a moça lhe inspirara. Ter-se-iam casado certamente, se não fôra a brusca partida do rapaz para uma das suas viagens de exploração, em que se demorou varios annos.

Marion esperou-o alguns annos, até que, sem mais esperanças, pensando no conforto de sua mãe, resolvera acceitar as propostas de casamento do rico francez Henri Durand.

A presença de Tom veiu soprar as chammas do ciume na alma de Durand, ao mesmo tempo que deu a Lafarge a ideia de aproveital-a como opportunidade definitiva, para fazer explodir a tempestade, de cujas devastações surgiria a mulher cobiçada.

Marion, no emtanto, presentia a approximação do perigo, e evitava quanto possivel o contacto de Tom, que, aliás, deveria partir no dia seguinte. Lafarge achou, pois, necessario precipitar os acontecimentos, e o desenlace seria naquella noite de festa.

Encontrando Marion sósinha numa sala, Lafarge tentou abraçal-a e beijal-a. A moça resistiu á ousadia do homem, temendo, porém, despertar a attenção do marido, para evitar um *intermezzo* de escandalo que não figurava no programma da festa. Nesse momento Tom appareceu, correu em soccorro de Marion e Lafarge bateu em retirada cabisbaixo e humilhado, depois de uma boa correcção. Sahindo d'alli, Lafarge procurou Durand, a quem, com ares de amigo compungido, que cumpria um desagradavel dever, disse que sua esposa estava em colloquio amoroso com Franklyn.

Durand partiu com a physionomia transtornada pela cólera e não viu mais do que Tom a despedir-se de sua esposa. Mas o seu espirito estava envenenado, e quando o rapaz se retirou, Marion viu-se accusada, insultada e banida pelo marido, que perdera por completo a razão. Marion comprehendeu então que o seu passado insupportavel haveria sido um mar de rosas em comparação com o futuro que a aguardava. E ella sahiu como louca, da sala. E pouco depois a festa terminava por uma tragedia, quando seu corpo era encontrado no jardim, tendo ainda cravado no peito o punhal com que varara o pobre coração.

(THE VENGEANCE OF DURAND)

Film Vitagraph. Producção de 1919. Adaptado de uma historia de Rex Beach e dirigido por Tom Terriss.

DISTRIBUIÇÃO

Marion Durand. . (Beatrice . . . . . (	Alice Joyce
Henri Durand. . .	G. V. Seyffertitz
Tom Franklyn. .	Percy Marmont
Theophile.	Herbert Pattee
Armand Lafarge	William Bechtel
Cap. St. Croix Trevier.	Eugene Strong
"Tabby" Livingston	Mark Smith

Durand sentiu-se esmagado e inconsolavel, e para o seu espirito torturado só restava uma esperança: encontrar algum dia Tom Franklyn e saborear a vingança.

Annos se passaram e a filha de Durand, Beatriz, era agora uma encantadora donzella. No coração do homem ardia sempre a chamma do odio contra aquelle que elle julgava o responsavel pela morte de sua esposa. A semente desse odio elle a transplantara para o coração da moça, e ella tambem esperava com impaciencia o dia em que pudesse auxiliar a obra reparadora da justiça. Esse dia demorou doze annos, mas afinal chegou. Foi no baile dos diplomatas, a que Franklyn, de volta de uma exploração, comparecera a convite do embaixador americano. Descobrindo-o entre os convidados, Durand apontou-o á filha e um lampejo mau passou pelos olhos da moça. Ella e o pae procuravam uma apresentação que os approximassem do explorador, mas essa formalidade foi dispensada, porque Tom não tardou a aperceber-se de Beatriz, reconhecendo nella a filha da creatura que elle amára como a mais perfeita de todas as mulheres. Durand acolheu-o com as apparencias da maior cordialidade e rejubilou-se vendo nos olhos do homem os signaes dos sentimentos que lhe nasciam na alma. Porque Durand não pretendia ser generoso com o inimigo, dando-lhe uma pena suave, que outra coisa não seria um castigo rapido. Não, elle queria uma vingança lenta, a frio, e concebera o plano de fazer o homem apaixonar-se pela filha, de leval-o até até os humbraes do casamento, quando, então, seria vibrado o golpe final, infligindo-lhe as mesmas torturas cruciantes e infernaes do ciume que elle, Durand, soffrera.

Nada parecia mais facil, pois Tom amara Beatriz desde o primeiro momento e sentia-se absolutamente dominado pelos seus encantos.

Tom acceitou o convite para frequentar a casa de Durand e ali encontrou Tabby Livingston, que continuava gordo e inoffensivo; Trevier, o mesmo *gentleman* de sempre, e Lafarge, que apezar dos seus cabellos grisalhos era o mesmo ardoroso conquistador de antanho.

As attenções dos tres cavalheiros do amor tiveram immediatamente o seu effeito sobre o espirito de Tom, que, depois de uma grande lucta intima, achou que a unica solução seria Beatriz escolher entre elle os tres rivaes. A sua alegria foi immensa quando se viu o eleito do coração da moça, e ambos correram em procura Durand para obter o consentimento necessario. Durand estava na capella que fizera erigir em memoria de sua esposa, e quando Tom lhe formulou o pedido, um sorriso fugace de triumpho aflorou-lhe aos labios. Como resposta Durand uniu as mãos dos dois amorosos.

Mas a felicidade do momento foi para Tom annuviada, quando Durand, mostrando-lhe o punhal que estava sobre o sarcophago de sua esposa, disse-lhe:

— Meu rapaz, aqui vês um instrumento maldito. Foi elle que cortou o fio da existencia á minha amada esposa!...

Tom sentiu-se horrorisado.

Agora que ella tinha Tom ligado ao seu compromisso, Beatriz atirou-se francamente ao *flirt*, e assim Tabby Livingston, o capitão Trevier e Lafarge entraram em scena. Mas, á medida que os dias corriam, a sua tarefa ia-se tornando ardua e superior ás suas forças, porque ella acabara verificando que a realidade é que Tom lhe havia arrebatado o coração. Vendo-o soffrer as agonias do ciume que ella lhe infligia, Beatriz não padecia menos do que elle.

O climax das torturas de Tom foi attingido no dia em que Beatriz arranjou uma scena de beijos com Trevier, á qual, devidamente manejada por Durand, Tom assistiu. Trevier assumiu a responsabilidade do seu acto, quando Tom o confrontou com a noiva, declarando não se julgar culpado, pois parecia-lhe que Beatriz não tinha o seu affecto compromettido naquelle noivado.

Chegou, afinal, o dia do casamento, e com elle o momento supremo em que Durand desfecharia o golpe derradeiro da sua vingança, despedaçando o coração de Tom.

Arranjando meios de fechar Lafarge no seu quarto, o pae de Beatriz foi encontrar Tom na capella e entregou-lhe uma carta.

"Meu querido pae: — leu o rapaz — Não posso supportar o homem com quem queres forçar-me a casar. Prefiro mesmo o velho Lafarge, com quem fujo neste momento. — *Beatriz.*"

Tom teve a impressão de que enlouquecia. Ver-se privado de Beatriz era terrivel, mas ver-se trocado por semelhante rival era uma humilhação superior á sua energia moral. Seus olhos cahiram sobre o punhal que repousava sobre o sarcophago da martyr Marion, e elle apoderou-se soffregamente da arma voltando-a contra o seu peito.

Mas o seu gesto ficou em meio, porque nesse momento Beatriz irrompeu, detendo-lhe o braço. Tom arregalou os olhos, attonito, sem comprehender a mutação, mas não teve tempo de fazer maiores raciocinios, porque Durand surgiu furioso, vendo escapar-se o premio dos seus esforços.

Na duplicidade do olhar do homem elle reconheceu a causa dos seus soffrimentos e da morte de Marion. Tom precipitou-se sobre o homem, cego pela raiva e entre os dois empenhou-se uma lucta de morte.

Tom era forte, porém Durand, mais habil, acabou dominando o adversario, que sob a pressão dos seus braços ia cedendo, dobrando-se para traz e não tardaria a rolar inerte, com as vertebras deslocadas, se Beatriz não fizesse ceder os musculos do pae, gritando:

— Solta-o, meu pae! ou eu enterrarei este

A CAPELLA DA VINGANÇA

(*Fim*)

punhal no meu coração como fez minha mãe!

Durand libertou a sua victima e avançou apavorado para a filha. Beatriz, porém, fel-o recuar, sob o peso das accusações que lhe atirava.

— Teu insano ciume causou a morte de minha mãe e causará tambem a minha, se tu não deixares esse rapaz tranquillo. Elle não trahiu a tua confiança, porque o que elle fazia no dia em que o accusaste era apenas curvar-se em despedida á minha mãe. Teu espirito doente é que envenenou um gesto innocente.

Exhausta pela emoção, Beatriz calou-se, mas Durand tivera tempo nos breves instantes das palavras da filha, para descer ás profundezas de si mesmo e voltar de lá purificado.

Sem uma palavra, silencioso, elle pegou na mão de Tom, apertou-a commovido e uniu-a á de Beatriz.

DEDICAÇÃO

(*Fim*)

demonio em figura de gente. O sangue branco que lhe corre nas veias parece ter dobrado a maldade do sangue amarello. Elle é casado com a irmã de Chinckie e ella e Chinckie tremem de medo deante delle. Juro como é elle.

Nessa mesma noite, North foi á casa do juiz White e teve delle a confirmação das suspeitas do seu pequeno amigo.

Fôra Dorck, dizia o juiz; desconfiara desde logo e acabava de receber informações positivas. Dorck vingara-se por haver White, tempos antes, condemnado seu filho, que matara um chim.

— Hoje, á noite, — proseguiu o juiz — recebi uma carta assignada por Dorck. Com todo o cynismo, esse bandido confessa-me: "Tu arrebataste meu filho e eu tomei-te tua filha; e agora que vaes fazer?"

John North levantou os olhos em que fulgurava um raio de esperança.

— Mas então elle conservará Ruth sem lhe fazer mal, emquanto o senhor tiver o filho delle em seu poder — observou North.

Mas White meneou a cabeça, num gesto de duvida:

— Oh! a mentalidade dessa raça foge a toda a logica. Dorck sabe que o que eu quero é ver minha filha novamente ao meu lado, venha ella como vier; e o sangue misturado que faz desses homens seres áparte entre as duas raças cria nelles tambem um espirito capaz de todas as perversões. Eu conheço horriveis exemplos desses bandidos e nenhum como Dorck, verdadeiro monstro, que, ha muitos annos, se esgueira como uma serpente á acção da policia. Elle age subterraneamente e nunca saberemos ao certo os horrores que a sua alma diabolica perpreta no silencio e nas profundezas dos subterraneos do seu quartel general. E isso é que me faz tremer pela sorte de minha querida e desgraçada Ruth.

Nos dias seguintes a essa entrevista do juiz com John North, Dinty viveu absorto na preoccupação do caso em que seu protector tinha um interesse de vida e morte. Doreen, sua mãe, participava do interesse do filho e aconselhou-o:

— Porque não pedes ao teu camarada Chinckie que indague de sua irmã? Ella deve ter conhecimento de alguma coisa.

E Dinty que não se havia lembrado!... E, pagando com muitos beijos a idéa luminosa de sua mãe, o rapazinho voou d'ali par aonde estava Chinckie e os outros camaradas, expondo-lhes a situação.

Esperava que elles o auxiliassem; era para servir a um amigo. Todos prometteram e o pequeno chinez informou que, com effeito, desconfiava de que sua irmã soubesse alguma coisa; notara-a muito triste nos ultimos dias.

No dia seguinte, Chinckie procurou, apressado, seu camarada, ao qual narrou o que ouvira da irmã. De facto, Dorck levara para casa uma mulher branca e conservava-a encarcerada nos aposentos subterraneos. A esposa chineza vira a presa branca do marido, vira o festim que elle lhe preparara num aposento onde havia canapés estufados e todos os requintes para o prazer e para a tortura.

Dorck, como um felino inflammado de lubricidade, rondava, permanente, em torno da mulher branca, e sua irmã, confessava Chinckie, temia pela sorte da desconhecida.

Ao mesmo tempo que isso se passava, a policia secreta descobria um vasto redil de contrabando, no qual não era dos menores o papel de Dorck — o famoso Dorck de maneiras suaves, sorridente e servil, que sempre conseguira illudir a boa vontade da policia em premiar os seus crimes.

Quando Dinty levou as informações que colhera a seu amigo, este com um vinco na fronte, perguntou-lhe se o pequeno Chinckie estava disposto a leval-os até ao antro.

— Certamente, — respondeu Dinty. — Elle não pede outra coisa; sabe que Dorck está nos ultimos arrancos da vida que tem levado e deseja libertar sua irmã. Chinckie detesta-o tanto como todos os da sua raça, que têm por taes mestiços maior desprezo.

North correu immediatamente ao juiz White. A informação de Dinty, relatava elle, era digna de absoluto credito; vinha de uma mulher enciumada. Era preciso organisarem a batida immediatamente.

Formado o grupo para dar o assalto ao valhacouto de Dorck, a respeito do qual, nesse momento, corriam as mais horriveis lendas: contrabandos de opio e de perolas, camaras de torturas, e todas as crueldades emfim, North penetrou nos dominios do bandido. Com uma ex-

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

Um anno (Serie de 52 ns.) . . 48$000
» semestre (26 ns.). . . 25$000
Estrangeiro (1 anno) . . . 78$000
Estrangeiro (semestre) . . 40$000

PREÇO DA VENDA AVULSA

No Rio............ (1$000
Nos Estados........

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que foram tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—Rio, Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818, Annuncios: Norte 6121. Officinas: Villa 6247.

Succursal em S. Paulo. Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 5949. Caixa Postal Q.

pressão de pavor a transformar-lhe o rosto, a esposa de Dorek recebeu a policia informando que seu marido havia partido.

Na vespera, á noite, estivera no aposento da mulher branca e, depois disso, fugira para logar ignorado por ella. Sabia, entretanto, que elle se dirigira por caminhos só delle conhecidos, para bordo do *cutter* que estava sempre ancorado fóra do porto. Acreditava que elle nunca mais voltasse.

A chinezinha fazia a sua narrativa com voz sumida e hesitante, e um grande medo estampado na face. North procurou tranquillisal-a: que dissesse tudo sem receio, elle estava ali para protegel-a; que os levasse ao logar onde estava Ruth.

E a mulher obedeceu.

— A camara de torturas, — proseguiu ella, estava fechada e a sua porta de aço massiço tinha fechaduras infernaes: fechadas era impossivel abril-as. Nesse quarto havia uma mesa, sobre a qual se pendurava no ar um pesado cutello, preso entre as mandibulas de um dragão. Fóra sobre aquella mesa e naquelle quarto que Dorck prendera Ruth antes de partir, — explicava a mulher ao pae e noivo de Ruth.

A descripção deu aos dois homens a idéa exacta do perigo imminente que corria a desventurada moça e o juiz precipitou-se como um doido para a porta, querendo forçal-a.

— E' inutil! — observou North, depois de imitar a tentativa do pae angustiado.

No segundo plano da scena, Dinty, Benedicto e Chinckie assistiram ao pungente espectaculo da impotencia e do desespero de dois corações, e elles proprios, nas suas consciencias rudimentares, sentiam a immensidade da tragedia e o ardente desejo de collaborarem para o desenlace que lhes parecia o unico, logico e natural — a salvação da moça de uma crueldade inutil do destino. De repente, uma idéa feriu-lhes, quasi simultaneamente, o espirito como uma scentelha inspiradora. Fóra, na rua, estava um caminhão deitando cabos. Dinty e Chinckie correram e apanharam a ponta de um cabo, amarrando-a á porta de ferro do quatro, enquanto do lado de fóra Benedicto e o outro camarada do bando, Sketches, firmava a outra extremidade ao possante caminhão. Um instante após, o carro partia... o cabo estirava-se e com um tremendo abalo, a porta vinha abaixo, revelando o interior do quarto de torturas. Um buraco escuro e no centro um ponto luminoso: Ruth!... Sobre ella, ameaçador e horrivel, o cutello. Dois minutos mais e a arma teria cahido sobre o perigo da moça. North precipitou-se e colheu a creatura amada nos braços. Fóra, Dinty, sob a reacção dos seus nervos, derramava uma torrente de lagrimas, com a cabeça encostada á fronte encanecida do velho juiz; mas eram lagrimas da mesma alegria que reunia em vibração o coração dos seus admiraveis camaradas.

— E então, mamãe, — dizia Dinty, mais tarde, naquelle dia, a Doreen, como fecho á sua narrativa. O juiz levou a senhorita Ruth e o sr. North para casa e convidou-me e a Benedicto, Chinckie e Sketches para irmos jantar com elle ás seis horas. Nós fomos e o juiz levou-me ao seu escriptorio e disse-me que eu agora ia para um collegio e que tu terias um *bungalow* e uma creada, e que nada te faltaria enquanto eu não acabasse de estudar e pudesse ter uma carreira em que havia de ganhar bastante dinheiro. Fiquei contente, mãesinha, porque tudo que eu ganhar é para ti, que me tens ensinado a ser o que sou e que o juiz disse que é muito... muito... muito nobre, foi a palavra que elle disse.

NA ALTA RODA

(*Fim*)

Guindado assim ás culminancias da aristocracia, da gloria e da curiosidade, Harold não perde as estribeiras e mostra-se na altura da situação que lhe cahe do ceu.

Inventar aventuras de caças não é difficil; portanto as maiores e mais disparatadas patranhas, mentiras e potocas são narradas com tanta naturalidade e desprendimento, que é forçoso reconhecer a fertilidade imaginativa do heroe, que

se não perturba nem um instante; é bom lembrarmos que a absorpção de oito taças de *punch* contribuem singularmente para a tagarelice do heroe.

No dia seguinte realisava-se a grande festa hippica e cynegetica imaginada melos *novos ricos*: uma caçada á raposa! O Lord promettera montar *Trovão*, cavallo manhoso que não supportava nenhum homem no seu regio lombo.

Harold nunca trepara num cavallo, mas não duvida da sua habilidade, e por isso atira-se á doida aventura, tanto mais quanto anda num acceso namoro com a linda *miss* da casa. Não foi pequeno o trabalho para chegar ás costas do revoltado *Trovão*, mas dahi em deante o galope do endiabrado animal poz o nosso heroe em graves apuros, até que um tombo formidavel põe termo aos soffrimentos hippicos.

O peor é que no tombo o amigo Harold perde as calças, começando deste minuto em deante outra serie de perigosas aventuras, porquanto as curtissimas *cuecas* não podem ser consideradas nota caracteristica.

Harold vê-se em serios apuros em todas as dependencias do vastissimo parque, estrebarias, gallinheiro, e só consegue descansar na residencia da linda *miss*, cujo pae, já farto de tantas falsas elegancias, expulsa todos os convidados afim de poder viver á sua vontade, de accordo com um honesto passado, livre de pieguices e de rematadas hypocrisias.

Nosso heroe, que confessa ser um intrujão e mentiroso, não só é perdoado como acceito noivo! E' tambem filho do povo e legitimamente não tem nome nem modos perversos de *snob* pomadista.

A MULHER QUE SE ENGANOU

(*Fim*)

Pennington amparou-a nos braços e o velho Don Fernando, fidalgo e de coração bondoso, acreditando que Eva estivesse doente, suggeriu ao rapaz levarem-n'a para a sua propria casa, afim de trata-a convenientemente.

Eva viu-se tratada como uma rainha, e, o que é mais, não tardou a descobrir-se seriamente enamorada de Pennington. Quando ella se certificou desta verdade, lamentou profundamente o pacto que havia firmado com Cameron e resolveu tentar desobrigar-se do compromisso, logo que este chegasse, em breves dias, como annunciara.

Eban não tardou a entrar em scena. No primeiro encontro que elle teve com a rapariga, afim de examinar em que pé iam os negocios, esta supplicou-lhe que a libertasse do contracto. Porém, Camden foi peremptorio: não faltava mais nada, depois de tanto trabalho e tanta despeza. Ah! isso é que não! Depois da sua entrevista com Eva, Camden renovou as suas insistencias junto de Don Fernando para lhe obter as terras, mas o velho fidalgo, não só não desejava desfazer-se das suas propriedades, como nutria a maior desconfiança contra Camden. Nesse interim, aconteceu a Don Fernando surprehender a moça em colloquio com Cameron e suspeitou tambem della. Suas desconfianças não tardaram a se transformar em convicção quando, provocando a conversa sobre a venda dos terrenos a Camden, ouviu Eva interessar-se a favor deste. Era o sufficiente e Don Fernando não perdeu tempo em communicar o facto a seu neto. Pennington repelliu com calor a insinuação contra a lealdade de Eva, mas não se passou muito sem que elle fosse instruido da triste realidade. Isso aconteceu na noite de uma festa no solar de Casablanca, para a qual Camden, por uma excepção ás regras da etiqueta, fôra convidado na qualidade de simples visinho.

Em certo momento o rapaz deu por falta de Eva, e, partindo em sua procura, foi deparar com ella, numa sala afastada, resistindo a Camden, que lhe segurava o braço, insistindo por obrigal-a a fazer qualquer coisa contra o que ella reluctava.

Pennington mediu o individuo com um olhar hostil e afastou-se.

Apesar da evidencia compromettedora, todavia, elle não descreu de Eva. Camden, entretanto, não desanimava do seu intento, e, achando que o negocio se arrastava demasiado, decidiu pôr a faca aos peitos da rapariga: ou ella fazia Pennington vender as terras ou as consequencias seriam más para ella.

Essa conversação foi ouvida em parte pelo velho Don Fernando, e, quando Camden partiu, elle dirigiu-se a Eva, verberando-lhe o procedimento de haver abusado da hospitalidade, e convidou-a a deixar sua casa incontinenti.

Pennington, que assistiu á scena, quiz oppor-se, mas o velho foi inflexivel.

Eva partiu e, desse dia em deante, evitou encontrar-se com o rapaz; não queria dar-lhe má opinião de si e receiava não ter forças para reprimir uma confissão dos planos de Camden, nos quaes ella figurara.

Depois de innumeras tentativas para falar-lhe, uma noite Pennington forçou os acontecimentos e penetrou no camarim de Eva, no Café Eldorado.

Eva estava só. Pennington interpellou-a: por que se recusava ella a vel-o? Eva respondeu-lhe que tinha para isso poderosas razões, mas o rapaz exprobou-lhe a conducta: ella estivera a caçoar com elle, mas naquella noite, á meia-noite exactamente, viria procural-a e, então, vingar-se-ia.

Seriamente amedrontada, Eva narrou a ameaça a Camden, pedindo a sua protecção. Este levou a coisa em ar de troça, informando a rapariga que, naquelle dia, havia recebido a opção de Pennington para parte das suas terras.

Era costume de Eva, ao bater meia-noite, surgir no alto da escada do "Café" e descer veloz, iniciando as suas danças. Nessa noite, quando ella appareceu, viu apontar o vulto de Pennington, que atravessou o espaço reservado aos dançarinos e encaminhou-se para ella. Camden levantou-se do logar em que estava, empunhando um revólver, e intimou Pennington a parar. O chicote de trança que Pennington trazia descreveu um circulo no ar e a arma voou da mão de Camden, que sentiu o pulso como que partido. De um salto, Pennington achou-se junto de Eva, empolgando-a e arrastando-a para fóra, através da multidão de espectadores boquiabertos. Fóra estava o seu cavallo e o galope foi desabalado.

Quando Eva poude respirar viu-se numa cabana isolada na montanha e deante della Pennington com um um olhar ameaçador.

— Que quereis de mim? — indagou ella, resolvendo affrontar os acontecimentos.

— Quero ensinal-a como se escarnece de um homem. Chegou agora, a minha vez.

Mas a moça, em tom de amarga censura, exprobrou-lhe o procedimento. Maltratar uma mulher indefesa não era de um cavalheiro, como elle se dizia.

Tal foi a elevação de linguagem de Eva que Pennington sentiu-se envergonhado do seu acto, indo elle proprio buscar o seu cavallo para que ella voltasse á cidade. E quando ella ia partir, elle falou:

— Peço-lhe permissão da minha loucura. A punição que eu lhe reservava era obrigal-a a casar-se commigo.

Quando Eva chegou de volta ao "Café" a primeira pessoa que veiu ao seu encontro foi Camden.

— Aquelle typo não te causou mal algum? — perguntou elle, admirado.

— Não, — respondeu a moça — appellei para a sua dignidade e elle me poz em liberdade. Si a dignidade de Camden fosse egual a delle, tu lhe devolverias a opção adquirida de tão triste maneira.

Havia qualquer coisa na voz e na attitude de Eva que fez Camden corar e, sem uma palavra entregou-lhe o papel da opção.

Alguns minutos depois, Eva chegava á estancia de Casablanca e entregava ao velho Don Fernando o documento passado pelo neto. O fidalgo reconheceu a nobreza dos sentimentos da moça e pediu-lhe perdão do máo juizo que havia feito a seu respeito, solicitando-lhe tambem a honra de voltar para o quarto que ella havia occupado naquella casa. Uma hora depois, Pennington chegava e, depois de uma ligeira entrevista com seu avô, subia ao quarto de Eva, pedia permissão para entrar e colhia-a, afinal, em seus braços para nunca mais soltal-a.

☆ ☆ ☆

Em "The Wanters" trabalham Marie Prevost e Robert Ellis nos principaes papeis. A direcção é de John M. Stahl.

SALVAÇÃO

(Fim)

Ao retirar-se, o individuo falou á pequena Ruth, fez-lhe festas e daquelle dia em deante passou a encontral-a diariamente trazendo-lhe brinquedos, parecendo muito interessado pela creança, que lhe retribuia a amisade.

Essa amisade não tardou a abrir as portas de Berenice ao estrangeiro, que se tornou um *habitué* da casa.

Defronte de Berenice morava um pobre aleijado, sem pernas e ainda por cima surdo e mudo.

Certa manhã ella viu chegar ao quarto do homem um medico acompanhado de uma enfermeira com uma creança nos braços. O medico olhou para o interior do aposento do invallido e o seu rosto contrahiu-se. Em seguida approximou-se do aleijado e escreveu na pedra de que elle se servia para conversar:

"Você não tem mulher ?"

— Então essa creança não poderá ficar aqui.

O invalido voltou-se para Berenice com uma interrogação inquieta nos olhos. E escrevendo na pedra passou-a a Berenice.

"Meu filho, dizia elle, acaba de voltar do hospital. Não o deixem levar de novo."

Berenice, apiedada, acceitou tomar conta da creança, e nessa tarde Ruth, saltando garrula, annunciava ao seu amigo que vinha para a visita habitual.

— Eu tenho um irmãosinho ! Tenho um irmãosinho ! Minha nova mãe arranjou-o p'ra mim hoje.

O rapaz ficou admirado do novo habitante e Berenice contou-lhe o caso.

— Oh ! vós serieis capaz de acolher o mundo inteiro sob vossa protecção, observou o rapaz, olhando de uma fórma que Berenice não se podia enganar.

— O mundo de creanças, corrigiu ella, sorrindo.

— Não podeis avaliar o que vale para mim a vossa amisade para Ruth, disse o rapaz.

E como Berenice interrogasse com os olhos, elle explicou:

— Eu sou Fred Martin, pae de Ruth. E proseguindo elle narrou-lhe a sua longa estadia na prisão, a que fôra condemnado por haver castigado o individuo que lhe destruira a felicidade do seu lar. Cumprira a sentença sob um nome supposto. E como agradeci a Deus quando voltei e encontrei minha creança sob os cuidados de uma mãe ideal e como desejo ficar junto de vós para proteger-vos.

— Ha alguma coisa que não posso explicar... é impossivel... murmurou Berenice, virando o rosto para occultar ao amor do homem a resposta eloquente que fulgurava em seus olhos.

Nesse momento bateram á porta e o creado de Cyrus Ridgeway entrou:

— Vosso marido está morrendo, minha senhora. Elle reclama com insistencia a vossa presença.

— Comprehendeis agora ? inquiriu Berenice voltando-se para o rapaz.

E quando ella se approximou do leito em que, entre almofadas, jazia a sombra daquelle homem que fôra a presumpção e o egoismo personificados, Berenice ouviu a sua voz sumida e lenta:

— Berenice, na noite em que partiste eu ia explicar-te, mas já não te encontrei. Quando soube que ainda vivias, resolvi restituir-te a felicidade de que te havia privado. Vou morrer e lego toda a minha fortuna a ti e a teu filho.

Nesse instante ella ouviu passos que entravam no quarto e voltou-se para ver o seu visinho aleijado da casa de commodos, mas já completamente curado, tendo nos braços a creança para a qual elle solicitara os seus cuidados.

E o marido continuou:

— Perdôa a decepção, minha amiga. De mil probabilidades só havia uma para que a operação désse bom resultado, mas Deus foi bondoso, soprou elle com um ultimo alento.

E Berenice, sem mesmo se lembrar daquella alma que trespassava, cheia de arrependimento, atirou-se ao filho, apertando-o entre os braços...

NAS ENCRUZILHADAS DE NEW YORK

(Fim)

am dar um golpe no mercado da bolsa com os seus tramites e tal era a astucia da aventureira que o rapaz via a sua situação peorar de mais, parecendo os juizes convencidos de que, effectivamente, elle quebrara uma promessa de casamento.

No dia do julgamento, após os debates dos advogados das duas partes, o tribunal ia proferir a sua sentença, que certamente não seria favoravel a Miguel, quando James Flint, que todos julgavam morto, fez a sua entrada sensacional. A sua identidade foi reconhecida e o presidente do tribunal deferiu o seu pedido para depor como testemunha.

O depoimento de Flint foi um tremendo requisitorio contra a aventureira, e Miguel sahiu victorioso do pleito. A esse momento já circulavam com insistencia noticias alarmantes sobre os negocios do corretor Anthony, e Miguel foi com seu tio á bolsa verificar o que havia de verdade em taes boatos.

Certificaram-se, então, não só que as noticias eram exactas, como, com grande surpreza, que ninguem sabia do paradeiro do corretor.

Tio e sobrinho dirigiram-se sem perda de tempo a uma agencia de investigações e esta, tomando como base das suas pesquizas as communicações telephonicas recebidas por Anthony no dia do seu desapparecimento, conseguiu localizar a casa de campo onde elle e sua filha estavam retidos prisioneiros.

Miguel partiu para o local e verificando a inutilidade de qualquer tentativa que não fosse um assalto á casa para libertar sua noiva e futuro sogro, pediu o soccorro á agencia, que lhe mandou doze homens bem armados.

Quinze minutos depois, o reducto estava franqueado e Miguel e seu tio sentados ao lado de Anthony e Ruth ouviam a historia das suas aventuras.

Terminada a narrativa, Miguel levou Anthony e a moça para o jardim e á sombra de uma macieira, confessou ao velho o seu amor pela filha, solicitando-lhe a sua mão.

O velho ergueu a mão e falou :

— Joven, eu não vos conheço muito bem, mas a intelligencia e a coragem que revelastes em libertar minha filha e eu proprio, dizem-me que sois bem qualificado para tomar conta da rapariga e fazel-a feliz. Tomae, meu rapaz, e que Deus vos abençoe.

Miguel, que preoccupado com os seus proprios "negocios", lembrou-se dos de Anthony, com geito pol-o ao par do que se passava, do golpe de que elle havia sido victima por parte da quadrilha de Chester e Grace.

A noticia não abateu o velho, ao contrario, despertou-lhe as energias de temperamento combativo.

— Ah ! canalhas ! vociferou elle. E voltando-se para Miguel :

— Tendes um automovel veloz ? E como o rapaz respondesse affirmativamente, Anthony proseguiu :

— Pois, voa commigo para Wall Street e vereis como as cousas se passarão. Juro-te, meu rapaz, que antes que o sol entre hoje, toda as ratazanas terão se posto a salvo e antes de terminar a semana todos os meus titulos terão voltado para o logar que lhes pertence na bolsa, para o alto da lista.

E, effectivamente, duas horas depois, a presença do corretor Anthony na bolsa mudava o curso dos negocios e restabelecia o seu prestigio dos seus titulos e elle podia, então, pensar tranquillamente, na melhor maneira de celebrar os esponsaes de sua querida Ruth com o homem que ella amava e no qual Anthony via um genro a seu gosto.

Quanto ao velho Flint, acabou perfeitamente convencido de que o seu sobrinho Miguel era tambem daquellas pessoas e capaz daquelles negocios que tornam a cidade superior ao campo de acção.

Um premio de
1:000$000
ao conto mais humoristico
sobre o sabonete
SABONETE
MARCA
TINTOL
REGISTRADA
LIMPA LAVA TINGE
TINGE EM TODAS AS CÔRES
COM TODA A SEGURANÇA
Correspondencia até
30 de Junho de 1923
aos depositarios
M. GONÇALVES & Cia.
RUA MUNICIPAL N. 13
RIO